

Universidade de Brasília – UNB
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD

Glossário monolíngue em Língua de Sinais Brasileira: Uma importante ferramenta na formação de Guias-Intérpretes Surdos

Linha de Pesquisa Tradução e Práticas Sociodiscursivas

Ivonne Azevedo Makhoul

Brasília

2021

Glossário monolíngue em Língua de Sinais Brasileira: Uma importante ferramenta na formação de Guias-Intérpretes Surdos

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau ao título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof. ^a Dra. Patricia Tuxi

Brasília
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM235g Makhoul, Ivonne Azevedo Glossário monolíngue em Língua de Sinais Brasileira: Uma importante ferramenta na formação de Guias-Intérpretes Surdos / Ivonne Azevedo Makhoul; orientador Patrícia Tuxi dos Santos. -- Brasília, 2021. 137 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução) Universidade de Brasília, 2021.

1. glossário monolíngue. 2. sinais-termo. 3. Guia Intérprete Surdo. 4. QR Code. 5. Libras (LSE). I. Tuxi dos Santos, Patrícia , orient. II. Título.

IVONNE AZEVEDO MAKHOUL

Glossário monolíngue em Língua de Sinais Brasileira: Uma importante ferramenta na formação de Guias-Intérpretes Surdos

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau ao título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Tuxi dos Santos

Banca Examinadora

Professora Doutora Patricia Tuxi
Orientadora (Presidente) – POSTRAD/IL/UnB

Professor Doutor Gláucio de Castro Júnior
Membro Efetivo – POSTRAD/IL/UnB

Professor Doutor Steven Douglas Collins
Membro Externo – Gallaudet University

Professora Doutora Betty Lopes L’Astorina de Andrade
Membro Externo – UFRJ

AGRADECIMENTO

Acima de tudo, agradeço a Deus, naturalmente. Pois, graças a Ele, cheguei aonde estou. Além disso, graças a Ele, no plano Dele para mim, devo e finalmente posso agradecer:

À Pastoral do Surdo, onde iniciei minha atuação de guia-intérprete, nos meus tenros 18 anos, quando tive o primeiro contato com surdocego Juciê Júnior e continuo me lapidando no ofício, com meus irmãos em Jesus no Curato Nossa Senhora do Silêncio;

À Éricka Macedo, minha melhor companheira de todos os momentos, minha inspiração, meu amor incondicional, pela paciência e tolerância, além de tradução do conteúdo da minha dissertação e aos nossos filhos felinos Pierre, Bella e Evon, por me propiciar uma deliciosa terapia com suas estripulias e sonecas;

À minha mãe Silvana Azevedo Makhoul, de quem herdei o amor pelo magistério, pela compreensão da minha ausência e pela revisão da minha dissertação, te amo sempre e a quem fico devendo os cafunés;

Ao meu pai José Jorge Makhoul, cuja perda se deu durante esta minha pesquisa, por conta da pandemia de COVID-19, fica aqui registrado o seu carinho inestimável, além de gratidão também por me dar seu nome, da descendência da família libanesa, que levo com muito orgulho;

À minha avó paterna dona Samira El Fahl, outra perda durante o mestrado, por transmitir a cultura árabe, tanto na culinária como nos costumes. E à minha avó materna dona Ivone, de quem herdei o nome, pelos presentes bordados com mimo, cujo “xeiro” quero sempre;

Ao meu irmão George José e minha cunhada Chloé Léguillette, apesar de distantes e morarem em outro país, me concederam lindos sobrinhos Thaïs, Raphaël e Noah, que só fazem a minha vida brilhar ainda mais;

Aos meus sogros são João e Lúcia Macedo, à minha cunhada Nayara Macedo, além das famílias Medeiros e Garcia, pelos momentos de refúgio no luto pelos entes tão especiais à minha vida e durante o estresse do mestrado e pela gastronomia mineira;

Às famílias Azevedo e Makhoul, pelas preciosas orações e incomensuráveis bênçãos;

Aos amigos, notadamente, Cristina Norton, Ademar Júnior, Crislaine Barbosa, Raniere Cordeiro, Clarissa das Dores, Rodrigo A. Ferreira e Irlana Veloso, pelo suporte através de momentos de lazer, com papos distraídos, que deram um ar de liberdade durante a tensão da pesquisa; Renata Rezende e Karin Strobel que me acolheram na casa de vocês!

Aos Surdocegos Lara Gontijo, Ane Grazziela, Janaína Mainara, Carlos Alberto, Abdel Daoud, Carlos Eduardo, Valéria Peres e Rosani Suzin, pelo incentivo e confiança no meu trabalho, reforçando a minha representatividade como guia-intérprete Surdo na comunidade surdocega;

Ao professor Steven Collins, que ampliou a minha visão sobre a importância da profissão e atuação de guia-intérprete e pela hospitalidade durante o intercâmbio na Gallaudet;

Às intérpretes Fátima Aladim e Sônia Marta pelo valoroso apoio à essa dissertação;

Ao grupo de Tradutores e Intérpretes Surdos do Brasil, pelo contínuo aprendizado, pela transmissão e difusão da nossa língua dinâmica;

Aos colegas do IFMG Ouro Branco, por serem modelo de profissionalismo;

À UnB, pela acolhida, pelo aprendizado e pelo entrosamento com professores e colegas;

Por fim, mas não menos importante, à querida orientadora e professora Patrícia Tuxi, por me manter firme na pesquisa e me mostrar a importância e a relevância do meu tema.

“O surdo também pode ser formado em guia-intérprete para atuar com surdocego.”
(Lara Gontijo, 2014)

“As respostas que nos mobilizam não são as respostas prontas, vindas de outras mentes, são as que conseguimos com nosso próprio esforço, à luz de nossos conhecimentos, nossos valores e nossa história de vida.”
(Livro Os 7 Portais de Jaspe)

Os progressos obtidos por meio do ensino são lentos; já os obtidos por meio de exemplos são mais imediatos e eficazes.
Sêneca

RESUMO

O tema desta dissertação se insere na linha de pesquisa Tradução e Práticas Sociodiscursivas, desenvolvida no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais (LabLibras), da Universidade de Brasília. O objeto de estudo são os Guias-Intérpretes Surdos, com o objetivo de criar um glossário monolíngue com os sinais-termo do campo da Guia-Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LSB. Em busca de criar uma proposta de organização e registro de glossário monolíngue Língua de Sinais Brasileira – LSB. Entendemos glossário como um conjunto de termos de uma mesma área, ou similar, composto por macroestrutura e microestrutura (FAULSTICH, 2010). Assim, propomos o registro, bem como, a organização de uma língua constitui o glossário. Para tanto repertoriamos os termos e os sinais-termo seguindo o modelo de Ficha Terminológica de Faulstich (1995a, 1995b, 2010, 2014), seguindo a metodologia proposta por Tuxi (2017). O percurso metodológico utilizado foi o de mapeamento de termos e definições, e de criação, registro e edição dos sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira. Os 37 sinais-termo foram coletados a partir de pesquisa bibliográfica, todos os sinais-termo foram filmados, colocados online e acessíveis através de QR code, que foi impresso junto com cada ficha terminológica, gerando uma nova ferramenta de acesso aos sinais-termo, para professores e tradutores e intérpretes de Línguas de Sinais (TILS), aos profissionais Surdos, tanto da área de pessoa com surdocegueira e Comunidade Surda e Surdocegueira em geral.

Palavras- chave: glossário monolíngue, sinais-termo, Guia-Intérprete Surdo, QR Code, Libras (LSB).

ABSTRACT

The theme of this dissertation is part of the Translation and Sociodiscursive Practices research line, developed at the Sign Language Linguistics Laboratory (LabLibras), at the University of Brasília. The object of study is the Deaf Interpreter Guides, with the aim of creating a monolingual glossary with term signs in the field of Interpretation Guide in Brazilian Sign Language – LSB. Seeking to create a proposal for the organization and registration of a monolingual glossary of Brazilian Sign Language – LSB. We understand a glossary as a set of terms from the same or similar area, composed of macrostructure and microstructure (FAULSTICH, 2010). Thus, we propose the registration, as well as the organization of a language constitutes the glossary. To do so, we repertoire the terms and term signs following the model of the Terminological Sheet by Faulstich (1995a, 1995b, 2010, 2014), following the methodology proposed by Tuxi (2017). The methodological approach used was the mapping of terms and definitions, and the creation, registration and editing of term signs in Brazilian Sign Language. The 37 term signs were collected from a literature search, all term signs were filmed, placed online and accessible through a QR code, which was printed along with each terminology record, generating a new tool for accessing the term signs, for teachers and translators and interpreters of Sign Languages (TILS), for Deaf professionals, both in the area of people with deafblindness and the Deaf and Deafblind community in general.

Keywords: monolingual glossary, term signs, Deaf Interpreter Guide, QR Code, Libras (LSB).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 - O GUIA-INTÉRPRETE NO BRASIL: RELATOS DE UMA FORMAÇÃO

1.1 Cursos de Formação no Brasil: Uma Perspectiva Cronológica

1.2. Guia – Intérprete e a Legislação no Brasil: Em Busca de uma Definição dos Papéis e Funções

1.3 As Grades Curriculares do Bacharelado em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: Onde Está o G.I.?

CAPÍTULO 2 - TERMINOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DE TRADUTORES, INTÉRPRETES E GUIAS-INTÉRPRETES

2.1 Terminologia Registrado Importante

2.2 Terminologia e Língua de Sinais: Pesquisas em Processo

2.3 Terminologia e a Formação de Guias-intérpretes

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA COM ORGANIZAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM GLOSSÁRIO MONOLÍNGUE EM LIBRAS

3.1 Abordagem e Natureza da Pesquisa

3.2 Definição do Objeto e do Público- alvo

3.3 Recolha e coleta dos Termos

3.4 Organização e a elaboração das fichas terminológicas.

3.4.1 Organização dos sinais-termo na tabela

3.4.2 Validação dos sinais-termo

3.4.3 Registro provisório arquivado na plataforma de compartilhamento de vídeos

3.4.4 Análise e preenchimento das fichas terminológicas

CAPÍTULO 4 – PROPOSTA DE GLOSSÁRIO MONOLÍNGUE PARA FORMAÇÃO DE GUIAS-INTÉRPRETES SURDOS

4.1 Apresentação Da Macroestrutura Do Glossário Monolíngue De Sinais–Termo

4.2 Microestrutura

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERENCIAS BIBLGRAFICAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

O GUIA-INTÉRPRETE NO BRASIL: RELATOS DE UMA FORMAÇÃO

Este capítulo está organizado em três partes com o objetivo de melhor apresentar o conceito de Guia-Intérprete e sua formação. Iniciamos investigando os diversos cursos de formação oferecidos no Brasil e a origem deles, a partir de uma linha cronológica. Em seguida, elencamos legislações que citam a profissão e que determinam seu papel ou função. Finalizamos o capítulo, apresentando as grades curriculares das universidades públicas e particulares de formação de bacharelado em Línguas de Sinais – LS, com o objetivo de analisar se há disciplinas que oportunizem a formação de GI. Todo o percurso adotado teve como objetivo maior reconhecer os pressupostos que formam o Guia-Intérprete – GI no Brasil.

1.1 CURSOS DE FORMAÇÃO NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA CRONOLÓGICA

As referências históricas sobre a Guia-interpretação são ainda escassas, senão inexistentes no caso de Guias-Intérpretes Surdos. No Brasil, em especial, há poucos registros sobre o início da profissão, tornando assim difícil apontar quando tenha ocorrido e quem tenha participado dos primeiros processos de comunicação em Língua Brasileira de Sinais - Libras com Surdocegos. Dessa forma, para uma melhor compreensão sobre os Guias-Intérpretes no Brasil, iremos apresentar, por meio de uma organização cronológica, cursos que tinham por objetivo a formação de GI para atuarem junto a Surdocegos em diversos contextos sociais.

O primeiro registro de formação ocorreu em 1999. Um curso realizado entre a Federação Nacional de Surdos da Colômbia (Fenascol), o Programa para a Criação de Associação de Pessoas Surdocegas em América Latina (Poscal) e a Associação de Surdocegos Suecos (FSDB).

Segundo Araújo (2019), o curso teve a duração de uma semana, com carga horária de 48 horas e realizada na cidade paulista de São Caetano do Sul - SP. Contou com a participação de 13 convidados ligados às instituições que atendiam pessoas com Surdocegueira. O curso, intitulado de “Formação de Guias-Intérpretes”, também foi

realizado com participantes do Peru, do Equador e da própria Colômbia. Dentre as 13 pessoas, duas foram representantes brasileiras e que passaram a ser multiplicadores, com a função de formar novos Guias-Intérpretes.

Como resultado do curso, no ano de 2004 foi criada uma rede de suporte online que tinha como objetivo apoiar a formação de profissionais para a capacitação.

Abaixo apresentamos o conteúdo programático resumido, com os tópicos que consideramos de maior destaque e importantes para esta pesquisa. Para ter conhecimento do conteúdo na íntegra, veja o anexo A intitulado “Capacitação dos Guias-Intérpretes empíricos para pessoas com surdocegueira”, que ocorreu em São Paulo no ano de 1999.

<p>1º Curso - Ano de 1999 Nome do Curso: Capacitação dos Guias-intérpretes empíricos para pessoas com surdocegueira. Local: São Caetano do Sul, São Paulo, 25 a 30 de Outubro de 1999. Ministrado por: María Margarita Rodriguez Plazas - Consultora especialista em Guia- interpretação. Duração: 48 horas.</p>
<p>Apresentação da capacitação: Objetivos e estrutura</p> <ul style="list-style-type: none">● Indivíduo Surdocego● Reconstrução da Organização da Comunidade de pessoas com Surdocegueira● Generalidades sobre a interpretação: Conceitos básicos● Técnicas de Guia- interpretação para pessoas com surdocegueira: Guia, Descrição Visual e Interpretação● Técnicas de Descrição Visual● Técnicas de Guia● Técnicas de Interpretação● Ética /Oficina/Ética do Guia-Intérprete
<p>Bibliografia Fonte: Programa de Capacitação de Guias-Intérpretes empíricos para pessoas com surdocegueira (Apostila Dalva Rosa Watanabe)</p>

Fonte: MAKHOUL, 2020⁸

A partir da leitura dos conteúdos acima, é possível compreender que no primeiro item – **Indivíduo Surdocego** – a formação teve o objetivo de conscientizar o profissional que atua como Guia-Intérprete quanto ao seu papel e tratamento em relação ao Surdocego e suas características, suas peculiaridades, várias formas de comunicação, Tecnologias Assistivas específicas para esse público, assim como suas necessidades inerentes à Surdocegueira. Daí a importância desse item na formação, dando uma visão geral sobre o que é o Guia-Intérprete.

O segundo tópico – **Reconstrução da Organização da Comunidade de pessoas**

⁸ A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site < https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2019/09/2012-04-ALBRES-e-SANTIAGO_LIBRAS_-trad_int.pdf>.

com Surdocegueira – trata da exposição de instituições representativas de pessoas com Surdocegueira no mundo, na América Latina e nacionalmente. Uma dúvida surgiu durante a leitura do texto, o uso da palavra “Reconstrução”. Reconstruir o quê? Um sistema sociopolítico, no âmbito civil, que represente efetivamente a população Surdocega? Fica o pensamento no ar. Acreditamos que o termo reconstruir não foi empregado pelo seu real significado, portanto o tópico deixa dúvidas do real objetivo.

Em relação ao ponto que trata sobre **Generalidades sobre a interpretação: Conceitos básicos**, elementos importantes são exibidos, pois vários termos e diversos papéis são apresentados, além da distinção entre tradução e interpretação. Como o material dessa formação se encontra ausente, não nos é possível verificar os conceitos de cada um, apenas entender a partir do tópico e do texto apresentado.

O tópico seguinte trata de várias **Técnicas de Guia-Interpretação para Pessoas com Surdocegueira**. Contudo, com o material indisponível, temos apenas os tópicos que são apresentados na obra acima mencionada, fica a incerteza se as considerações gerais relacionaram os conceitos e as características de cada técnica, o que seria possível de compreender melhor, caso tivéssemos o material do curso.

O próximo tópico aborda **Técnicas de Descrição Visual**. É um tópico interessante, pois o consideramos de grande importância para a formação de Guias-Intérpretes Surdos. Aborda sobre a comunicação feita em Libras Tátil e/ou campo reduzido. Ambos devem ser incluídos nos currículos de formação de Guia-Intérprete, Surdos ou não-Surdos. Como Surda, acredito que, para nós, seja propício por causa do sentido de visão aguçado. As técnicas de descrição visual expõem as dinâmicas entre Guias-Intérpretes e Surdocegos, com descrição de ambientes físicos.

A seguir, temos **Técnicas de guia**. Esse tópico é mais indicado para a formação de Guia-vidente. Traz um currículo distinto, pelo fato de ser ensino de forma de Mobilidade, Orientação e Deslocamento. É outro ponto que amplia o campo de Guia-Intérprete Surdo com mais esse saber, que é a peculiaridade visuoespacial.

Chegamos ao ponto sobre as **Técnicas de interpretação**, em que os quatro primeiros itens, referentes às diretrizes gerais de interpretação, transmissão de informações para a linguística, preparação para a interpretação e aspectos relevantes quanto à comunicação usada pela pessoa Surdocega, estão de acordo com o título do tópico em questão. Quanto aos elementos relativos aos usos de língua (Tátil, em Campo reduzido, Orofacial, Oral ampliada) e aos meios técnicos e saída Braille deveriam ser tratados em parte distinta, concernente às formas de comunicação. Sobre as responsabilidades, nas últimas unidades do

tópico, também devem ser tratadas à parte, devendo observar se são adequadas ao papel de Guia-vidente ou Guia-Intérprete, conforme atribuição elencada. Não foi possível constatar se foram trabalhadas estratégias de interpretação.

Em relação ao item **Ética**, hoje já temos uma organização mais estruturada que se encontra no Código de Conduta e Ética (CCE), adotada pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais – Febrapils⁹. Porém, no conteúdo analisado, nosso destaque é para o item Confidencialidade. Atualmente, essa é uma questão que está sendo bem discutida no meio acadêmico e profissional. Muito se tem questionado sobre o conceito de confidencialidade e ética no espaço dos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais - ETILS. Quanto aos demais aspectos, devido à inexistência do material utilizado no curso, carece de mais informações quanto à sua forma de aplicação e real conteúdo além dos títulos.

Por fim, no tocante à bibliografia, está desprovida de fontes e referências, portanto impossibilita o aprofundamento da origem dos conceitos utilizados no curso.

Seguindo a ordem do tempo, passamos para o curso “**Curso para formação de guia-intérprete no Brasil**”, que ocorreu no ano de 2011 e foi oferecido pela Associação Brasileira de Surdocegos – ABRASC¹⁰ e pelo Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial¹¹. Além de ter uma grade um pouco mais diferenciada é importante perceber o espaço de tempo que ficou do primeiro curso para o segundo. São onze anos sem qualquer material de formação – não localizamos nada em nossas pesquisas – como se a formação da área ficasse parada em tanto tempo. O interessante é que no mesmo período houve um grande desenvolvimento da Libras e dos Tradutores e Intérpretes da Língua de Sinais – TILS no Brasil. Fica então a dúvida do porquê de tanto tempo sem uma formação efetiva e nacional.

Abaixo apresentamos também um recorte dos tópicos de outro cursos fazemos uma descrição. Contudo, para melhor compreensão do leitor organizamos o material completo dos cursos no anexo deste trabalho. O curso acima é o Anexo (A) e o curso abaixo é o Anexo

⁹ A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais – Febrapils é uma entidade profissional autônoma, sem fins lucrativos ou econômicos, fundada em 22 de setembro de 2008, de duração indeterminada, com personalidade jurídica de direito privado, qualificável como de interesse público e pertencente ao território brasileiro. - <http://febrapils.org.br/quem-somos/>

¹⁰ A ABRASC não possui um site, mas pode ser contatada através do e-mail abrascsofia@hotmail.com e contato pelo Facebook.

¹¹ Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial é uma ONG criada em 1997 para unir as entidades que atendem pessoas com surdo cegueira. Em seu site, é possível consultar as instituições filiadas em cada região do país, conhecer as ações realizadas por elas, as publicações da organização e suas campanhas. - <https://apoioaosurdocego.com.br/>

(B).

<p>Curso - Ano de 2011 Curso para formação de Guia-Intérprete no Brasil (2011) Ministrado pela equipe da Abrasc - Associação Brasileira de Surdocegos¹² e Grupo Brasil¹³. Duração: 48 horas</p>
<p>Conteúdos programáticos:</p> <ul style="list-style-type: none">● <u>Contextualização da História do Projeto Pontes e Travessias</u>● <u>História da Educação da Pessoa com Surdocegueira no mundo e no Brasil</u>● <u>Criação da ABRASC – Associação Brasileira de Surdocegos</u>● <u>Terminologia e definição</u>● Aspectos da surdocegueira adquirida● Terminologia surdocego ou surdo –cego?● Perspectiva geral sobre surdocegueira● <u>Síndrome de Usher</u>● <u>Direitos</u>● <u>Guia-Intérprete, Direitos e Técnicas de Interpretação</u>● <u>Ética</u>● <u>Sistemas de Comunicação/Formas de Comunicação</u>● <u>Sistema Braille</u>● <u>Tecnologias Assistivas</u>● <u>Aspectos Emocionais de Pessoas com Surdocegueira Adquirida</u>● <u>Orientação e mobilidade</u>● <u>Orientação e mobilidade para pessoas com surdocegueira adquiridas</u>● O programa de orientação e mobilidade para pessoas com surdocegueira adquirida● <u>Legislação</u>
<p>Fonte: Apostila Curso Guia-Intérprete - Projeto Pontes e Travessias – Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego, 2011</p>

Fonte: MAKHOUL, 2020¹⁴

O curso de formação de Guia-Intérprete, realizado em 2011, foi ministrado pela equipe da Associação Brasileira de Surdocegos (Abrasc) e Grupo Brasil¹⁵, ora exposto anteriormente. Inicia contextualizando a história do projeto Pontes e Travessias. Infelizmente o material completo do curso também está indisponível. Nossas informações advêm de artigo publicado na série de pesquisas intitulado “Libras em estudo: tradução/interpretação, lançada pela Feneis SP, em 2012, organizada por Neiva de Aquino Albres e Vânia de Aquino Albres Santiago.

Dentre os cursos já apresentados, esse se diferencia de forma importante em vários aspectos. No primeiro momento, aborda a História da educação da pessoa com Surdocegueira no mundo e no Brasil, ressaltando o percurso educacional da pessoa com Surdocegueira, tanto no mundo como no Brasil, assim como a trajetória das pessoas

¹² <https://www.facebook.com/associacaobrasileiradesurdocegos/>

¹³ <https://www.grupobrasilsdum.org/> e <https://apoioaosurdocego.com.br/>

¹⁴ A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2019/09/2012-04-ALBRES-e-SANTIAGO_LIBRAS_-trad_int.pdf>.

¹⁵ Grupo Brasil é uma uma ONG de apoio ao surdocego e à pessoa com múltipla deficiência sensorial - <https://www.facebook.com/GrupoBrasildeApoioaoSurdocego/> e <http://grupobrasilsurdocegueira.org/> .

representantes da comunidade surdocega. Porém, não há um tópico sobre a história dos Guias-Intérpretes! O tópico aborda apenas a Surdocegueira! Acreditamos que o objetivo maior foi apresentar esses conceitos e vivências para a formação dos profissionais que irão atuar como GI na prática do seu ofício, fazendo-os compreender melhor a peculiaridade instrutiva e pedagógica da pessoa Surdocega.

A seguir, outro ponto que merece destaque é o item alusivo à **criação da Abrasc – Associação Brasileira de Surdocegos**, o qual consideramos muito positivo, pois mostra uma entidade representativa do Surdocego que virá a ser atendido pelo GI, Surdo ou não-Surdo. Acreditamos ser de grande importância o profissional reconhecer que sem o Surdocego não existiria a profissão de GI. Então, convém a esse profissional manter uma boa parceria com essa instituição¹⁶.

A parte concernente à **Terminologia e Definição**, cujo conteúdo completo muito nos interessaria, trata de três pontos: a) aspectos da Surdocegueira Adquirida; b) Terminologia Surdocego ou Surdo-cego? e c) perspectiva geral sobre Surdocegueira. Entendemos que esse último ponto deve ser tratado à parte, não relacionado nesse mesmo tópico, pois aborda características diversas do sujeito Surdocego. Um ponto que, infelizmente, ficou evidente e que chamamos à atenção é que não foi tratado o termo Guia-Intérprete, ou seja, novamente parece não haver o cuidado de conceituar esse termo.

O próximo tópico aborda a **Síndrome de Usher**. Extremamente interessante, pois é possível compreender que trata das características diversas do sujeito Surdocego, que dentre várias causas pode ter origem na Síndrome de Usher. É possível destacar também a Retinose Pigmentar. Porém, nenhum dos casos foi abordado no curso.

A seguir temos o item **Direitos**. Nesse, é possível perceber que há um tópico que trata apenas do Surdocego e das pessoas com deficiência em geral. Em seguida, apresentam o tópico Guia-Intérprete, Direitos e Técnicas de Interpretação. Nesse, não há destaque quanto aos seus direitos, portanto acreditamos ser de suma importância constar no tópico anterior. Trata apenas sobre a definição do termo Guia-Intérprete, o qual também deveria estar no item anterior concernente à Terminologia e definição, que já apresentamos.

O tópico continua e aborda sobre as **Técnicas de Guia-interpretação**. Esse ponto merece destaque, pois apresenta um olhar não só voltado para a parte educacional, mas também para a formação do GI que deve possuir competências de um profissional tradutor e intérprete. Apresenta modelos de tradução e de interpretação e traz um ponto exclusivo de

¹⁶ Infelizmente o site da Abrasc se encontra indisponível até o momento final desta dissertação. Temos apenas o site do facebook que já foi apresentado em uma página anterior em nota de rodapé.

Técnicas de descrição de imagens, de objetos, de pessoas e de ambientes internos e externos. Porém, ressalta-se a importância de incluir também as estratégias para interpretação, para tradução, para descrição e para mobilidade e orientação, além de observar também se o aluno, futuro profissional GI, é surdo ou ouvinte, pois também se faz necessário compreender que existem diversas estratégias para cada situação de comunicação.

Esse trecho finaliza abordando como pode ser feita a comunicação com pessoas com Síndrome de Usher, o que nos traz uma estranheza, pois entendemos que, para essa relação linguística, também há o uso da tradução e da interpretação.

Em seguida, o curso passa a abordar sobre **Ética**. Pelos títulos, é possível perceber que foram utilizados dois códigos. O primeiro, cuja fonte não aparece, é destinado aos GI em exclusivo. O segundo é da Apilsbep – Associação dos Profissionais Intérpretes e Guias-Intérpretes da Língua de Sinais Brasileiras do Estado de São Paulo¹⁷. Fica a dúvida se esse código se aplica aos demais estados. Em seguida, são abordadas questões sobre conduta. Esse ponto nos foi estranho pois acreditamos que os códigos de ética deveriam cumprir essa parte. Outro questionamento que fica é se o código se refere à pessoa surdocega ou ao Guia-Intérprete.

Os próximos tópicos são mais referentes aos sistemas e formas de comunicação tanto em língua oral como em língua de sinais. Por esta pesquisa de mestrado focar nas formas que utilizam Libras, damos um destaque maior na parte dos cursos sobre Libras Tátil, Libras em campo reduzido, Alfabeto Manual Tátil e Alfabeto com duas mãos. Evidenciamos que todas as formas de comunicação que fazem parte do curso são de grande valia para a formação do GI. Contudo, ressaltamos que para futuros Guias-Intérpretes Surdos, público-alvo principal desta pesquisa, é preciso uma adaptação para melhor compreensão de como ocorre a Fala Ampliada e o Tadoma.

Em seguida, é apresentado o Sistema Braille, cujo aprendizado e uso são igualmente imprescindíveis pelos GI's tanto Surdos como ouvintes.

Sobre as Tecnologias Assistivas, não há mais detalhes quanto ao seu conteúdo, devido à indisponibilidade do material utilizado nesse curso, porém é fundamental na formação para Guias-Intérpretes Surdos e ouvintes.

¹⁷ O código de ética pode ser acessado no seguinte endereço: <http://libras-intpretes.blogspot.com/2010/02/codigo-de-etica.html>

Na continuação, o curso aborda os Aspectos emocionais de pessoas com Surdocegueira Adquirida, ainda que significativo, é mais coerente com a formação de Instrutor-Mediador¹⁸, mais aplicável à área de educação.

A matéria relativa à Orientação e Mobilidade é mais adequada à formação de Guia-vidente, podendo ser assimilada pelo Guia-Intérprete, caso seja do seu interesse cumprir essa outra função, na nossa forma de pensar. A distinção entre os termos e suas funções Guia-vidente e Guia-Intérprete apresentaremos no próximo capítulo.

Por fim, o item Legislação é muito importante, pois explica de forma detalhada os deveres e direitos daqueles que atuam na área e destaca a necessidade do profissional se constituir como cidadão e GI.

O curso acima explicado teve seu início em 2011 e, atualmente, é oferecido presencialmente pelo Grupo Brasil, em conjunto com a Associação Educacional para Múltipla Deficiência- Ahimsa. Ocorre duas vezes ao ano, a forma de inscrição é por e-mail e o pré-requisito é ter conhecimento de Libras a partir do nível intermediário. O curso não é gratuito. O valor para participar é R\$ 1.300,00 (hum mil e trezentos reais), para curso realizado em 2019 e R\$1.400,00 (um mil e quatrocentos reais), no ano de 2020.

Após as análises feitas nos cursos que vêm sendo oferecidos nas últimas duas décadas, fica clara a falta de formação com foco nos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação, que são pré-requisitos básicos para a base de um bom Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e para os Guias-Intérpretes.

Os cursos mostram um valor maior sobre Orientação e Mobilidade, tipos de Comunicação e o Braille e códigos. Mas não há quase nada sobre a língua de sinais na forma de processos tradutórios ou interpretativos. Outro ponto que merece destaque é a falta de definição da atuação e competência linguística dos GI. Com os cursos apresentados, passamos para as legislações em busca de uma precisão maior acerca do Guia-Intérprete e suas funções.

¹⁸ Termo que irei defender nesta pesquisa e que apresento no Capítulo 2 e na Metodologia.

1.2. GUIA – INTÉRPRETE E A LEGISLAÇÃO NO BRASIL: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO NOS PAPÉIS E FUNÇÕES

Em virtude da escassez de informação acerca de definições sobre formação do GI, passamos então para o trabalho junto à legislação. Nessa, apesar de constar a função de GI e atividades inerentes à profissão, não há maior aprofundamento sobre a sua história nem exposição de diretrizes na sua formação. Para melhor compreender, adotaremos também uma linha cronológica de apresentação.

Iniciamos com a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que tem o objetivo de descrever as formas de acessibilidade em espaços públicos, transporte e comunicação. Traz, no capítulo VII, a acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização – artigo 18º, o seguinte destaque:

“O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braille, linguagem de sinais e de Guias-Intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.” (BRASIL, 2000)

O artigo que tem como objetivo apresentar a acessibilidade que ocorre nos sistemas de comunicação e sinalização, faz menção sobre o profissional Guia-Intérprete no mesmo nível do Braille e da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Nesse caso, o termo que deveria estar registrado seria a Libras Tátil, Tadoma, Fala Ampliada, Alfabeto Manual Tátil dentre outras e não o Guia-Intérprete¹⁹. Ou, se fosse o caso, deveria inserir também o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais – TILS. Mas devemos considerar, que, pela nossa busca, foi a primeira menção ao profissional, sob âmbito legal.

A seguir, temos o Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, que tem o objetivo de promulgar a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Traz o capítulo convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência no seu artigo 9 – acessibilidade – destacando que:

“2. Os Estados Partes também tomarão medidas apropriadas para: ... e) Oferecer formas de assistência humana ou animal e serviços de mediadores, incluindo guias, leitores e intérpretes profissionais da língua de sinais, para facilitar o acesso aos edifícios e outras instalações abertas ao público ou de uso público.”

Em princípio, o termo guia aparece vinculado a uma atividade generalista, sem destaque para a questão da tradução ou da interpretação. Na descrição da lei, o termo é tratado de forma geral, como apenas uma ferramenta de acessibilidade e ainda sem distinguir se é um Guia-Intérprete ou um Guia-vidente, conceitos que também serão explicados no

¹⁹ Os termos acima relacionados fazem parte da proposta do glossário monolíngue e os conceitos estão anexos nas fichas terminográficas.

decorrer desta pesquisa. Aparece com um conceito aberto sem definir sua atuação ou função.

Por parte do Ministério da Educação - MEC, na sua Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, Artigo 10, para a educação básica, a escola de ensino regular deve institucionalizar a oferta do Atendimento Educacional Especializado - AEE no seu projeto pedagógico que prevê na sua organização “VI – outros profissionais da educação: tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, Guia-Intérprete e outros que atuem no apoio, principalmente às atividades de alimentação, higiene e locomoção”. E a comunicação? Os TILS tiveram formação com o objetivo de atuar no apoio às atividades de alimentação e higiene? Quanto à locomoção, para assistência aos discentes Surdocegos, na nossa opinião, cabe ao Guia-vidente e não ao Guia-Intérprete, conforme a atuação de cada termo que apresentaremos no próximo capítulo.

A profissão de Guia-Intérprete deveria ter sido incluída de forma clara e conceitual na Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, no inciso I do artigo 6º, que descreve competências sobre a sua atuação, apesar de não constar o termo GI. Ou seja, é um ponto que o grupo de profissionais da área devem reivindicar, pois está claro sobre o trabalho: “efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdocegos, surdocegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa”. Inclusive esse artigo tem sido um ponto de discussão em processos seletivos que desejam distinguir a função de cada profissional: TILS e Guia-Intérprete. Portanto, consideramos de extrema importância uma discussão mais aprofundada sobre esse tema.

O Plano Nacional de Educação, previsto na Lei nº 13.005/2014, na sua Meta 4, menciona o profissional para

“4.13) apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos (das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores (as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores (as) e intérpretes de Libras, Guias-Intérpretes para surdos-cegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues”. (PNE, 2014. Meta 4)

Essa meta deve ser entendida como um marco, pois difere os profissionais e as funções. Traz também a diferença entre a atuação de Surdos e não-Surdos, incluindo os espaços onde esses atendimentos ocorrem. Acredito que destacar esses pontos também é um item importante para a formação do profissional Guia-Intérprete.

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, sob nº 13.146, de 6 de julho de 2015, no título II, relativo aos direitos fundamentais, no seu capítulo IV – do direito à educação – artigo 28, cabe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar,

acompanhar e avaliar a “XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de Guias-Intérpretes e de profissionais de apoio”. Discorrendo ainda na LBI, também encontramos no título III, referente à acessibilidade, no seu capítulo II – do acesso à informação e à comunicação – artigo 73, que “Caberá ao poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de Guias-Intérpretes e de profissionais habilitados em Braille, audiodescrição, estenotipia e legendagem”.

Apesar da importância da LBI para toda a organização dos processos de acessibilidades sociais e educacionais, é possível perceber a falta de definição, descrição, e espaço de formação acerca do Guia-Intérprete e das características da guia-interpretação. O ponto alto da lei é a separação que é feita sobre as capacitações, pois mostra que cursos destinados a tradutores intérpretes não são também cursos de formação para Guias-Intérpretes. É algo que deve ser bem claro, são profissionais distintos.

Em nível estadual, a Lei nº 2.977, de 8 de julho de 2015, no seu anexo único - Plano Estadual de Educação do Tocantins-PEE/TO, a meta 6, estratégia 6.8, cita:

“ampliar e garantir, equipes de profissionais da educação para atender a demanda dos(as) alunos(as) com Deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação, nas escolas públicas do sistema estadual de ensino, garantindo professores(as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio e professores(as) auxiliares, tradutores(as) e intérpretes de LIBRAS, Guias-Intérpretes para surdocegos(as), professores(as) de LIBRAS, prioritariamente surdos(as), professores(as) bilíngues e apoiar os Municípios e as escolas privadas a implantarem centros de atendimento educacional especializado, em regime de colaboração com a União e os Municípios e em parcerias com instituições públicas, privadas e conveniadas, quando solicitado;” (PEE/TO, 2015, meta 6)

O documento estabelece diretrizes específicas, metas e estratégias para universalização de educação infantil, consoante as diretrizes curriculares nacionais, promoção de formação integral da criança com a indispensável presença familiar, normatização e fiscalização da educação infantil pelo poder público e mediação dos saberes institucionalizados da formação escolar. Mais voltado à formação educacional fundamental, a meta 6 visa à universalização do acesso à educação básica e ao Atendimento Educacional Especializado pela população de 4 a 17 anos de idade com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Na sua estratégia 6.8 supracitada, ao mencionar “prioritariamente surdos(as)”, seria relativa somente aos professores de Libras ou

seria válido também aos demais cargos ora referidos? Por que o cargo de instrutor-mediador não está incluso? Esse profissional é o mais adequado para essa faixa etária, no tocante à educação, principalmente na formação básica. Os Surdocegos, dentro da população infantil até 17 anos, seriam congênitos, já têm sua base linguística consolidada em Libras, podendo fazer uso de Libras Tátil? Como definir a forma de comunicação adquirida e utilizada pelos discentes Surdocegos, quando o atendimento for solicitado, para contratar o profissional adequado?

Outra legislação que merece destaque é o projeto de lei nº 9382/2017, apresentado em 19/12/2017 pela Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência. Seria uma ementa à lei 12.319/2010, que dispõe sobre o exercício profissional e condições de trabalho do profissional tradutor, Guia-Intérprete e intérprete de Libras. Porém, conforme a última consulta ao sítio da Câmara Legislativa em 29/08/2020, a sua situação consta como “Aguardando Deliberação no Plenário (PLEN); Pronta para Pauta na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC)”.

Apesar disso, cumpre destacar que, conforme artigo 1º, parágrafo 1º, no seu inciso II, o Guia-Intérprete seria considerado como aquele profissional que domina diversas formas de comunicação utilizadas pelas pessoas com Surdocegueira, conceito esse adequado para exercício e atuação do profissional Guia-Intérprete. Outro destaque vai para o artigo 2º, no seu parágrafo 3º, em que “a formação do Guia-Intérprete será realizada por meio de curso específico ou de extensão universitária credenciados pelo Ministério da Educação ou Secretarias Municipais ou Estaduais de Educação.” Isso, por si só, já mostra a valorização do profissional, ainda que incipiente, lembrando que devem ser ampliados para atendimento à crescente demanda, embora tímida.

Sob o âmbito municipal, em princípio, o município de Porto Velho, do estado de Rondônia, é a primeira cidade do Brasil que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e, na descrição das funções e profissionais, dispõe sobre o exercício profissional e condições de trabalho do profissional tradutor, Guia-Intérprete e intérprete de Libras com a sua lei municipal nº 2.629, de 05 de agosto de 2019.

Essa lei merece destaque, pois traz de formas diferenciadas as atuações, o que nenhuma outra lei anteriormente citada mostra. Apesar de ser municipal, é um grande modelo de possibilidades futuras para a legislação federal.

Recentemente foi publicado novo Decreto nº 10.502, em 30 de setembro de 2020, cujo objetivo é a instituição da Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. O seu capítulo VI – Dos Atores – destaca que:

Art. 8º Atuação, de forma colaborativa, na prestação de serviços da educação especial:

I - equipes multiprofissionais e interdisciplinares de educação especial;

II - guias-intérpretes;

III - professores bilíngues em Libras e língua portuguesa;

IV - professores da educação especial;

V - profissionais de apoio escolar ou acompanhantes especializados, de que tratam o inciso XIII do caput do art. 3º da Lei nº 13.146, de 2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência, e o parágrafo único do art. 2º da Lei nº 12.764, de 2012; e

VI - tradutores-intérpretes de Libras e língua portuguesa.

Sob a perspectiva da escola bilíngue, essa Política facilita a atuação de guia-intérprete surdo, ampliando o mercado desse profissional, além de propiciar ao discente surdocego um bom desenvolvimento educacional e cognitivo.

Após a busca sobre o profissional Guia-Intérprete, sua formação e regulamentação sob a atuação no âmbito da legislação, fica evidente que o espaço não está delimitado. Em uma única legislação nos sentimos contemplados: na lei que regulamenta a profissão no estado de Porto Velho, Rondônia, pois, além da equidade entre as carreiras, há ainda a formação exigida que é de nível superior ou vinculada a instituições superiores federais. Portanto, na legislação, inclusive no Decreto 10.502/2020, há ainda uma grande lacuna de lutas a serem travadas.

Essa lacuna fica evidente quando pensamos: qual o espaço dessa formação? Seria um curso técnico, tecnólogo ou de graduação? Seria apenas uma especialização? Os cursos explicados acima mostram que não é essa linha a melhor escolha. Também precisamos pensar: quem ministra esses cursos? Qual a formação de um professor que irá atuar no ensino de futuros guias-intérpretes sejam surdos ou não-surdos? E, para deixar mais claro o tamanho da lacuna, podemos pensar: que material didático, que publicações e que pesquisas têm foco na atuação do GI? Até o momento livros e artigos focam no surdocego, que também consideramos de grande importância, mas não é a formação que o GI deve ter. Assim, fica evidente que há ainda um campo de estudo amplo a ser aprofundado. Esta pesquisa pretende contribuir para ser um apoio inicial para novas pesquisas.

Como já explicitado no início do capítulo, a seguir apresentaremos os cursos de bacharelado no âmbito das línguas de sinais com foco na formação de tradutores, intérpretes e Guias-Intérpretes no Brasil.

1.3 AS GRADES CURRICULARES DO BACHARELADO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL: ONDE ESTÁ O GI?

Neste tópico, apresentaremos trechos, partes das grades curriculares das

universidades públicas e particulares de formação de bacharelado em Línguas de Sinais – LS com o objetivo de analisar se há disciplinas que oportunizem a formação de GI Surdo e não-Surdo, a carga horária, se são obrigatórias ou optativas e, se possível, analisaremos a bibliografia. Portanto, organizamos as disciplinas que têm em sua descrição relação com a língua de sinais e/ou com a questão da Guia-interpretação.

Grade Curricular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ano 2008, na modalidade a distância. Segue a tabela 01:

Bacharelado em Letras, habilitação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - UFSC			
1º Semestre	THS	5º Semestre	THS
Introdução aos Estudos da Tradução	72	Literatura Surda	72
Estudos da Tradução I	72	Leitura e Produção de Textos	72
Fundamentos da Educação de Surdos	72	Língua Brasileira de Sinais IV	108
Estudos Linguísticos	72	Semântica e Pragmática	72
Introdução a Educação a Distância	72	Psicolinguística	72
2º Semestre	THS	6º Semestre	THS
Escrita de Sinais I	72	Análise do Discurso	72
Estudos da Tradução II	72	Tradução e Interpretação da Língua de Sinais	72
Língua Brasileira de Sinais I	108	Língua Brasileira de Sinais V	108
Fonética e Fonologia	72	Laboratório de Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa II	72
Morfologia	72	Aquisição da Língua de Sinais	72
3º Semestre	THS	7º Semestre	THS
Escrita de Sinais II	72	Tradução e Interpretação da Língua de Sinais II	72
Língua Brasileira de Sinais II	108	Língua Brasileira de Sinais VI	108
Sintaxe	72	Laboratório de Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa III	72
Aquisição da Linguagem	72	Estágio em Interpretação da Língua Brasileira de Sinais	216
Sociolinguística	72		
4º Semestre	THS	8º Semestre	THS
Escrita de Sinais III	72	Laboratório de Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa IV	72
Estudos da Tradução III	72	Trabalho de Conclusão de Curso	216
Aquisição de Segunda Língua	72	Estágio em Tradução Escrita da Língua de Sinais e Língua Portuguesa	72
Língua Brasileira de Sinais III	108		
Laboratório de Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa I	72		

FONTE: MAKHOUL, 2020²⁰

²⁰ A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <<http://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=715&curriculo=20082>>.

A UFSC é conhecida como a universidade que iniciou o processo de formação na área de Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais, e, portanto, o movimento teórico dos ETILS²¹. O curso de bacharelado que, também na modalidade de Educação à Distância – EAD, possui Tradução e Interpretação Libras – Português, apresenta uma vasta grade com foco em tradução e interpretação. Contudo, não há uma disciplina que forme o discente ou que possibilite ao mesmo optar por uma formação como Guia-Intérprete.

Outro ponto que é possível perceber é a ausência de uma disciplina acerca do próprio Guia-Intérprete. Vale lembrar que congressos nacionais e internacionais ocorrem na instituição e constantemente é feita solicitação de Guias-Intérpretes para os eventos. Vale também lembrar que, na minha experiência profissional, fui contratada como GI da mesma instituição, pois havia alunos surdocegos tanto no ensino presencial como também na EAD.

A próxima grade curricular traz um novo desenho do curso de Bacharelado em Língua Brasileira de Sinais, dessa vez presencial. O acima apresentado é na modalidade, como já indicamos, a Distância – EAD.

Grade Curricular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ano 2012, modalidade presencial. Segue a tabela 02:

Bacharelado em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - UFSC			
1º Semestre	THS	6º Semestre	THS
Fundamentos da Educação dos Surdos	72	Laboratório em Interpretação I (PCC 36 horas)	72
Tecnologias da Informação e EaD	72	Estudos Surdos I	72
Libras Iniciante (PCC 36 horas)	144	Escrita de Sinais II (PCC 36 horas-aula)	72
Conversação Intercultural	72	Estudos Linguísticos III	72
		Português II	72
2º Semestre	THS	7º Semestre	THS
Libras Pré-Intermediário (PCC 36 horas)	216	Laboratório em Interpretação II (PCC 36 horas)	72
Corporalidade e Escrita	72	Literatura Surda I	72
Fundamentos da Tradução e da Interpretação	72	Prática de Tradução I	72
		Estudos Linguísticos IV	72
		Português III	72
3º Semestre	THS	8º Semestre	THS
Libras Intermediário (PCC 36 Horas)	144	Laboratório em Interpretação III	144
Introdução aos Estudos Linguísticos (PCC36 horas-aula)	72	Literatura Surda II (PCC 36 horas-aula)	72
Estudos da Tradução I	72	Prática de Tradução II	8
Estudos da Interpretação I	72		

²¹ Estudos da Tradução e da Interpretação das Línguas de Sinais (RODRIGUES e BEER, 2015).

4º Semestre	THS	9º Semestre	THS
Libras Avançado (PCC 36 Horas)	144	TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)	72
Estudos Linguísticos I	72	Estágio em Interpretação	144
Estudos da Tradução II	72	Estágio em Tradução	72
Estudos da Interpretação II	72		
5º Semestre	THS		
Libras Acadêmica (PCC 36 horas-aula)	72		
Escritas de Sinais I	72		
Estudos Linguísticos II	72		
Metodologia Científica	72		
Português I	72		

FONTE: MAKHOUL, 2020

O curso de bacharelado presencial da UFSC possui, em suas ementas e conteúdos, uma grande similaridade com o curso modalidade EAD. Contudo, aspectos importantes quanto à proficiência em Língua de Sinais, um dos aspectos que definem a formação de um bom tradutor e intérprete, são distintos. No curso presencial, temos Libras Iniciante até Acadêmico, enquanto no ensino à distância não tem. Outro ponto diz respeito à disciplina Estudos da Tradução e Interpretação. No presencial, já é trabalhada com a Terminologia Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação; na EAD, não é apresentada com essa mesma terminologia teórica. Apenas há menção sobre tradução e interpretação, apesar de sabermos que o conteúdo é similar.

O próximo é o da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Também é um curso que deve ser analisado sob a perspectiva de formação e espaço de estudos para discentes que desejam atuar na Guia-Interpretação.

Grade Curricular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ano 2013, modalidade presencial. Segue a tabela 03:

Bacharelado em Letras – Libras - UFRJ			
1º Semestre	THS	5º Semestre	THS
LIBRAS I: Aspec. Ling. Soc. Cul. Ident	90	LIBRAS V: Aspectos Sociolinguísticos	90
Fundamentos Linguísticos	60	Notação de Dados Linguísticos: ELAN	60
Fund. Estudos Literários	60	Metodologia Científica	60
Fund. Hist. Educ. de Surdos	30	Lab. Trad. Inte de Libras LP II	60
Introdução aos Estudos de Tradução	60	Elaboração do Trabalho Monográfico	30
2º Semestre	THS	6º Semestre	THS
LIBRAS II: Fund. Fonética Fonologia	9	LIBRAS VI: Fund. Pragmática e do Discurso	90
Fundamentos da Educação Bilíngue para Surdos	30	Literatura Surda I	60

Estudo dos Clássicos da Literatura	30	Lab. Trad. Inte de Libras LP III	60
Aquisição de Linguagem I	30	Estágio Sup. em Int. Libras e LP	90
Aquisição de Linguagem II	30	Aquisição de Segunda Língua	30
Estudos da Tradução I	60		
3º Semestre	THS	7º Semestre	THS
LIBRAS III: Fund. da Morfologia	90	LIBRAS VII:Fund. do Funcionalismo	90
Fund. Lit. Brasileira	30	Literatura Surda II	90
Produção de Textos em português	30	Escrita da Língua Sinais I	30
Concepções Cult. e Form. Prof. línguas	30	Lab. Trad. Inter. de Libras LP VI	60
Avaliação do processo de ens/aprend de línguas	30	Estágio Sup. em Trad. Libras e LP	90
Estudos da Tradução II	60		
4º Semestre	THS	8º Semestre	THS
LIBRAS IV: Fund. da Sintaxe	90	Libras Acadêmica	90
Fundamentos Sociolinguística	60	Tecnologia da Informação	60
Literatura Infante e Juvenil	90	Aspec. Da Produção de textos em LP	60
Lab. Trad. Inter. de Libras LP I	60		

Fonte: MAKHOUL, 2020²²

O currículo do curso de Bacharelado da UFRJ²³ é uma proposta diferente no que diz respeito à formação de tradutores e intérpretes. Apesar de ter como foco formar bacharéis na área, há em sua grade nove disciplinas que retratam uma base que possibilitará o aprendizado relacionado aos aspectos teóricos que são o alicerce de conhecimento para tradutores e intérpretes de Língua de Sinais. No caso, não há nenhuma menção sobre disciplinas relacionadas à formação de Guias-Intérpretes ou algo que possibilite relacionar sobre estudos tradutórios ou interpretativos sobre a Guia-interpretação. Também não localizamos na universidade estudos de extensão ou cursos de capacitação para Guias-Intérpretes.

A seguir, apresentamos a grade da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. O curso foi criado em 2014 e tem uma estrutura interessante, principalmente no que diz respeito aos aspectos dos Estudos da Tradução – ET e dos Estudos da Interpretação – EI. Também apresenta um grande diferencial sobre a Tradução Literária em Língua de Sinais.

Grade Curricular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ano 2014, presencial. Segue a tabela 04:

²² A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <https://www.portal.letras.ufrj.br/images/Graduacao/Projeto_Pedagogico_Letras-UFRJ-BACHARELADO.pdf>.

²³ Apesar do trabalho de busca e pesquisa, não foi possível encontrar as ementas das disciplinas. Apenas está à disposição o fluxograma do curso. <https://www.portal.letras.ufrj.br/images/Graduacao/Projeto_Pedagogico_Letras-UFRJ-BACHARELADO.pdf>.

Bacharel em Tradução e Interpretação de Libras - UFES					
1º Semestre		THS	5º Semestre		THS
Introdução à Linguística		60	Sociolinguística		60
Introdução aos Estudos da Tradução		60	Tradução e Interpretação de Textos Sensíveis		60
Pesquisa em Tradução e Interpretação		60	Tradução de Textos Literários		60
Leitura e Produção de Texto		60	Tradução e Interpretação Jurídica		60
Aspectos Históricos-Filosóficos da Tradução		60			
2º Semestre		THS	6º Semestre		THS
Estudos da Tradução I		60	Análise do Discurso		60
Fonomorfologia		60	Interpretação Médica		30
Teorias de Aquisição de Segunda Língua e de Língua Estrangeira		60			
Tradução e Interpretação em Língua de Sinais I		60			
Estudos Literários I		60			
3º Semestre		THS	7º Semestre		THS
LIBRAS e Produção Literária		60	Revisão de Tradução		30
História da Língua de Sinais		60	Aspectos Tradutórios e Interpretativos do Guia-Intérprete ²⁴		60
Escrita de Sinais I		60			
Morfofossintaxe		60			
4º Semestre		THS	8º Semestre		THS
Tradução e Interpretação em espaços educacionais		60	Ética em Tradução e Interpretação		60
Tradução de Textos Científico-Acadêmicos		30			
Práticas Culturais e Língua de Sinais: Estudos Surdos		60			
Semântica e Pragmática		60			

FONTE: MAKHOUL, 2020²⁵

No currículo acima, as informações são bem focadas nos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais. Há disciplinas sobre Tradução de Textos Sensíveis, Tradução Literária, Tradução no campo jurídico e Tradução na esfera educacional. E no sétimo semestre, há uma disciplina com foco na Guia-Interpretação.

Focalizando a descoberta de uma disciplina obrigatória na grade do bacharelado da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, fez-nos despertar o interesse em compreender melhor sobre o que seria. Dessa forma, apresentamos abaixo a ementa da disciplina que é do sétimo período do curso, intitulada “Aspectos Tradutórios e Interpretativos do Guia-Intérprete”:

Disciplina	Código	TEL	CH	Pré-requisito
------------	--------	-----	----	---------------

²⁴ Marca realizada pela pesquisadora Ivonne Makhoul.

²⁵A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <http://www.lettras.ufes.br/sites/lettras.ufes.br/files/field/anexo/lista_disciplinas_libras.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Aspectos tradutórios e interpretativos do Guia-Intérprete: surdocegos		30T +30E	3	
Discussão sobre a atuação do Guia-Intérprete. As implicações tradutórias e interpretativas nos contextos dos surdocegos.				
Bibliografia Básica:				
MILES, B. Perspectiva general sobre la sordo-ceguera. DB-LINK - The natural information clearinghouse on children who are deaf-blind - Monmouth, dez. 1995 – traduzido para o espanhol sob patrocínio do Programa Hilton/Perkins.				
MILES, B. What is communication? In: MILES, B.; RIGGO, M. Remarkable conversations – A guide to developing meaningful communication with children and Young adults who are Deafblind. Watertown, Massachusetts, 1999.				
MONTEIRO, M. A. Surdez-cegueira. Revista Benjamin Constant, n.3. Rio de Janeiro: IBCENTRO, 1996, p.18-26.				
Bibliografia Complementar:				
GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL. Projeto sobre jovens e adultos surdocegos no Brasil e suas Opiniões. (Folheto explicativo). Programa apoiado pela SENSE Internacional (Latinoamérica). São Paulo: Liotti Arco Design Editorial, abr. 2003. p. 1.				
_____. Formas de comunicação. Série: Entrando em contato com as pessoas surdocegas. (Folheto explicativo). São Paulo: Ciclo Press Gráfica & Fotolito, 2006b.				
PLAZAS, M. M. R. II Curso de Guia-Intérprete empírico. In: Programa de Capacitación de Guias-Intérpretes empíricos para personas sordociegas (Apostila). Santafé de Bogotá, 1999. Traduzido para o espanhol sob patrocínio do Programa Hilton/Perkins. São Paulo, mai. 2003.				
PLAZAS, M. M. R. Guia de Interpretación. In: Guía-intérprete es una persona con formación específica (Apostila). [S.l.]: SENSE Internacional (Latinoamérica), 2002.				
SENSE INTERNACIONAL (LATINOAMÉRICA). Trabalhando para as pessoas surdocegas em toda América Latina (Apostila). São Paulo: Liotti Dell Arco Design Editorial, un. 2003.				

Fonte: Projeto de curso de Bacharelado em Letras Libras²⁶

A ementa da disciplina mostra que há um fundo de discussão sobre a atuação e as implicações tradutórias e interpretativas, contudo o conteúdo não condiz com as referências apresentadas. Nas básicas, os autores estão focados na Surdocegueira, não há material sobre tradução, interpretação ou Guia-Interpretação. O local onde há material que possa ser destinado a essas áreas é a bibliografia complementar. Nela, há sobre o guia, porém é material de estudo indisponível na biblioteca virtual, o espaço que, no momento social em que vivemos, nos foi permitido buscar.

A seguir, a grade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que tem um histórico acadêmico voltado para os estudos da Educação Especial e que recebeu o curso no departamento de Psicologia.

Grade Curricular da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ano 2015, presencial.

Segue a tabela 05:

Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)/Língua

²⁶ Segue fonte do projeto:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiC0uO3mcHrAhXTHbkGHQ0zBewQFjABegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fsecretaria.cchn.ufes.br%2Fsites%2Fsecretaria.cchn.ufes.br%2Ffiles%2Ffield%2Ffanexo%2Fppc_bacharelado_letras-libras.pdf&usg=AOvVaw28wvUEFjhdLuqtog34Hv1z

Portuguesa - UFSCar			
1º Semestre	THS	5º Semestre	THS
Libras I	360	Libras V	390
Introdução à Tradução à Interpretação e aos Estudos da Surdez		Tradução e Interpretação II	
Linguagem, Surdez e Educação		Português como segunda língua para surdos	
Introdução à Linguística das línguas orais e sinalizadas		Estudos do Significado	
Leitura e Produção de Texto: escrita acadêmica I		Tradução e Interpretação na Esfera Educacional III	
Desenvolvimento Psicológico da Pessoa surda		Leitura e produção de texto: escrita acadêmica IV	
		TCC I	
2º Semestre	THS	6º Semestre	THS
Libras II	330	Libras VI	390
Línguas em uso: variação e mudanças linguísticas		Desenvolvimento, aprendizagem e processos educacionais	
Tradução e Interpretação Consecutiva		Gêneros textuais e Libras	
Estudos da Oralidade		TCC II	
Eletiva I		Tradução e Interpretação em Eventos Científicos	
Leitura e Produção de Texto: escrita acadêmica II		Estágio Supervisionado I	
3º Semestre	THS	7º Semestre	THS
Libras III	330	Libras VII	360
Tradução e Interpretação: atividade discursiva		Ética Profissional	
Linguagem e aspectos segmentais e suprasegmentais da fala		TCC III	
Libras e os Parâmetros Formacionais		Tradução e Interpretação na Esfera da Saúde	
Políticas Públicas e Surdez		Outras Línguas de Sinais	
Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem: Língua Portuguesa		Estágio Supervisionado II	
Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem: Libras		Eletiva III	
Tradução e Interpretação na Esfera Educacional I			
4º Semestre	THS	8º Semestre	THS
Libras IV	360	Multiculturalismo e Surdez	270
Tradução e Interpretação I		Literatura em Libras	
Morfossintaxe: Língua Portuguesa		Tradução e Interpretação nas Esferas Legal e Governamental	
Morfossintaxe: Libras		Surdez e visualidade	
Leitura e Produção de Texto: escrita acadêmica III		Estágio Supervisionado III	
Tradução e Interpretação na Esfera Educacional II			
Saúde Ocupacional do Tradutor Intérprete de Libras			
Eletiva II			

Fonte: MAKHOUL, 2020²⁷

O Projeto Pedagógico do Curso de Letras Libras Bacharelado em Tradução e Interpretação da UFSCar é um dos mais completos projetos dentre os que apresentamos. Traz aspectos significativos sobre a formação do Tradutor e Intérprete em Língua de Sinais e, no caso, podemos dizer não apenas da Língua Brasileira de Sinais, mas também há o ensino de outras línguas de sinais.

É um programa muito interessante, contudo não há uma disciplina acerca da Guia- interpretação, ou seja, a grade foca unicamente na tradução e interpretação. Durante os semestres, há possibilidade de desenvolver projetos, mas em virtude das matérias apresentadas, consideramos que não há trabalho focado no G.I. Mas é interessante pensar que, nessa mesma instituição, há trabalhos significativos sobre a Surdocegueira e pesquisas desenvolvidas, como exemplos das autoras Fátima Ali Abdalah Cader-Nascimento e Maria da Piedade Resende da Costa, que têm foco no Surdocego.

Portanto, fica a dúvida: qual o motivo por que não há estudos acadêmicos voltados para a formação de Guias-Intérpretes? Não há uma valorização da área? Fica um questionamento. A próxima grade é a da Universidade Federal de Roraima - UFRR.

Grade Curricular da Universidade Federal de Roraima (UFRR), ano 2014²⁸, presencial.

Segue a tabela 06:

Letras/Libras – Bacharelado - UFRR			
1º Semestre	THS	5º Semestre	THS
Fundamentos Da Educação Dos Surdos	60	Formação, Trabalho E Profissionalidade De TILS III	60
Introdução Aos Estudos Linguísticos	60	Morfologia Da Libras	60
Estudos Da Tradução	60	Lab. De Interpretação De Língua Brasileira De Sinais Para Língua Portuguesa	60
Libras I	60	Semântica E Pragmática	60
Leitura E Produção Textual Acadêmica	60	Interpretação Da Língua De Sinais III	60
2º Semestre	THS	6º Semestre	THS
Educação Bilíngue	60	Metodologia Do Trabalho Científico	60
Estudos De Interpretação	60	Análise Do Discurso	60
Libras II	60	Lab. De Interpretação De Língua Brasileira De Sinais Para Língua Portuguesa Ii	60
Fonética E Fonologia	60	Sintaxe Da Libras	60

²⁷ A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <http://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/traducao-e-interpretacao-em-lingua-brasileira-de-sinais/PPC_BACHARELADO_TRADUCAO_INTERPRETACAO_LIBRAS_ATUALIZAO_2016.pdf>.

²⁸ O ano de 2014 é uma referência feita na página de abertura do Projeto Político Pedagógico do curso. Contudo, na ficha de apresentação não é constatado se foi o ano de criação do curso ou regulamentação.

Optativa	60	Estágio Em Interpretação Da Língua De Brasileira De Sinais E Língua Portuguesa: Contexto Escolar	80
3º Semestre	THS	7º Semestre	THS
Libras III	60	TCC I	80
Morfologia	60	Eletiva: Tradução E Gêneros Textuais E Discursivos	60
Aquisição Da Linguagem	60	Atividades Complementares	200
Formação, Trabalho E Profissionalidade De Tils I	60	Laboratório De Interpretação Língua Portuguesa Para Língua De Sinais I	60
Interpretação De Língua De Sinais I	60	Estágio Em Interpretação Da Língua De Sinais E Língua Portuguesa: Espaço Não Escolar	80
		Eletiva: Educação Das Relações Étnico-Raciais	60
4º Semestre	THS	8º Semestre	THS
Interpretação Da Língua De Sinais II	60	Laboratório De Interpretação Língua Portuguesa Para A Língua Brasileira De Sinais II	60
Fonética E Fonologia Da Libras	60	Optativa	60
Sociolinguística	60	TCC II	100
Sintaxe	60		
Formação, Trabalho E Profissionalidade De Tils II	60		

Fonte: MAKHOUL, 2020²⁹

O curso da UFRR traz disciplinas similares às que já demonstramos. Contudo, sua inovação não é no fluxo do curso e sim no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Letras/Libras – Bacharelado. Nele, é possível identificar, no campo da Justificativa, o profissional Guia-Intérprete e como ele faz parte das ações educativas propostas pelo curso. No projeto, o GI é tratado com o mesmo olhar de formação do Tradutor e do Intérprete de Língua de Sinais, como descrito abaixo.

Nesta perspectiva, a formação de professores e de profissionais especialistas para o apoio e implementação das ações educacionais inclusivas propostas – tais como de **Guia-Intérprete**, Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais – estão como prioridades na pauta da gestão das políticas educacionais nas três esferas de governo, das universidades públicas e privadas e dos provedores de serviços e materiais educacionais. (PPC/UFRR, 2014. p.7 – grifo nosso)

Apesar de buscarmos em outros Projetos Político-Pedagógicos de Curso a mesma referência com a valorização e equidade do profissional GI ao tradutor e intérprete, ela não ocorre. Há apenas citações sobre a guia-interpretação como um decalque que a legislação

²⁹ A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <http://ufr.br/libras/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=61:ppp&id=10:downloads&Itemid=314>.

indica, mas sem aprofundamento sobre a formação e principalmente que tipo de formação sobre tradução e interpretação esse profissional deve ter.

A penúltima universidade apresentada é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Considerada uma das universidades com a maior nota de produção acadêmica na área de Letras, sua nota é 7, fez-nos pensar sobre que tipo de formação o Guia-Intérprete tem de apoio para sua formação.

Grade Curricular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano 2015, presencial. Segue a tabela 07:

Letras/Libras – Bacharelado - UFRGS			
1º Semestre	THS	5º Semestre	THS
Aquisição Da Língua De Sinais Por Crianças	60	Escrita De Sinais I	60
Estudos Surdos I	60	Língua Brasileira De Sinais V	60
Introdução Aos Estudos Linguísticos	60	Prática De Interpretação Em Libras II	90
Língua Brasileira De Sinais I	150	Prática De Tradução Da Libras I	90
Políticas Linguísticas E Educacionais	30	Semântica E Pragmática De Libras	60
		Tópicos Em Morfologia E Sintaxe Das Línguas De Sinais Para TILS	60
2º Semestre	THS	6º Semestre	THS
Bilinguismo	60	Escrita De Sinais II	60
Estudos Surdos II	60	Língua Brasileira De Sinais VI	60
Fundamentos De Tradução E De Interpretação	60	Literatura Surda	60
Língua Brasileira De Sinais II	150	Metodologia De Pesquisa	30
Panorama De Estudos Linguísticos Sobre As Línguas De Sinais	60	Prática De Interpretação Em Libras III	90
		Prática De Tradução Da Libras II	90
		Tópicos Especiais Em Metodologia De Pesquisa De Línguas De Sinais	60
3º Semestre	THS	7º Semestre	THS
Estudos De Interpretação I	30	Estágio De Interpretação I	120
Estudos De Tradução	60	Estágio De Tradução I	90
Fonética E Fonologia De Libras	60	Tópicos Especiais Em Produção E Tradução De Materiais Didáticos Para Ensino De Surdos	60
Leitura E Escrita Acadêmica I	60	Trabalho De Conclusão De Curso Tradutor E Intérprete De Libras	90
Língua Brasileira De Sinais III	150		
Tópicos Em Fonologia Das Línguas De Sinais	60		
4º Semestre	THS	8º Semestre	THS
Estudos De Interpretação II	60	Estágio De Interpretação II	120
Leitura E Escrita Acadêmica II	60	Estágio De Tradução II	
Língua Brasileira De Sinais IV	150		
Morfologia E Sintaxe De Libras	60		
Prática Em Interpretação De Libras I	45		

Fonte: MAKHOUL, 2020³⁰

³⁰ A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <<https://www1.ufrgs.br/Graduacao/xInformacoesAcademicas/curriculo.php?CodHabilitacao=47&CodCurriculo=150&sem=2018022>>.

Novamente não há menção sobre a formação do GI. Infelizmente, na busca das ementas ou na justificativa do projeto, a base acadêmica, pela qual a universidade é reconhecida, não contempla o profissional que cursa o bacharelado e deseja ser um Guia-Intérprete. Dessa forma, novamente nos faz repensar onde é o espaço de formação para atuar na Guia-interpretação? Quem forma esse profissional? Essa dúvida permaneceu no nosso pensamento durante todo o período deste trabalho.

A última universidade apresentada é a Universidade Federal de Goiás– UFG, a qual também nos fez pensar sobre que tipo de formação o Guia-Intérprete tem de apoio para sua formação.

Grade Curricular da Universidade Federal de Goiás, ano 2014, presencial. Segue a tabela 08:

Letras/Libras – Bacharelado - UFG			
1º Semestre	THS	5º Semestre	THS
Introdução aos Estudos Literários	64	Libras Avançado 1	64
Introdução aos Estudos da Linguagem	64	Estágio em Tradução 1	64
Aquisição da Língua de Sinais	64	Laboratório de Tradução e Interpretação 1	64
Língua Portuguesa 1	64	Escrita de Sinais 2	64
Conversação em Libras 1	64	Semântica	64
Prática como Componente Curricular	100	Prática como Componente Curricular	100
2º Semestre	THS	6º Semestre	THS
Tópicos de História da Literatura	64	Libras Avançado 2	64
Fonética e Fonologia	64	Estágio em Tradução 2	96
Políticas Linguísticas e Educacionais	64	Laboratório de Tradução e Interpretação 2	64
Língua Portuguesa 2	64	Disciplina Do Núcleo Livre	64
Conversação em Libras 2	64	Introdução à Pesquisa	32
Prática como Componente Curricular	100	Prática como Componente Curricular	100
3º Semestre	THS	7º Semestre	THS
Morfologia	64	Laboratório de Tradução e Interpretação 3	64
Introdução à Escrita de Sinais	64	Estágio em Interpretação 1	96
Estudos da Tradução 1	64	Disciplina Do Núcleo Livre	64
Língua Portuguesa 3	64	Trabalho de Conclusão de Curso 1 – Tradução e Interpretação	32
Libras Intermediário 1	64	Lexicografia	32
Prática como Componente Curricular	100	Prática como Componente Curricular	100
4º Semestre	THS	8º Semestre	THS
Sintaxe	64	Laboratório de Tradução e Interpretação 4	64
Disciplina Optativa Do N.E.	64	Estágio em Interpretação 2	112
Estudos da Tradução 2	64	Disciplina Optativa Do N.E.	64
Escrita de Sinais 1	64	Trabalho de Conclusão de Curso 2 – Tradução e Interpretação	64
Libras Intermediário 2	64	Prática como Componente Curricular	100
Prática como Componente Curricular	100		

Fonte: MAKHOUL, 2020³¹

³¹ A organização da grade foi feita pela pesquisadora. O conteúdo do currículo foi acessado pelo site <https://files.cercomp.ufg.br/web/up/461/o/Resolucao_CEPEC_2018_1574.pdf>.

Ainda dentre as universidades, encontramos na Universidade Federal de Goiás – UFG, como disciplina optativa Prática Profissional e Mercado de Trabalho do Tradutor e Intérprete que tem como ementa os seguintes itens: Tópicos de tradução e interpretação. Intérprete educacional. Intérprete Surdo. Guia-Intérprete. Postura profissional. Relação Intérprete - Cliente.

<p>Disciplina optativa: Prática Profissional e Mercado de Trabalho do Tradutor e Intérprete:</p>
<p>Ementa: Tópicos de tradução e interpretação. Intérprete educacional. Intérprete Surdo. Guia-intérprete. Postura profissional. Relação Intérprete - Cliente.</p>
<p>Bibliografia Básica: BENEDITTI, I. C.; SOBRAL, A. (org.) Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução. São Paulo Parábola Editorial, 2003. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. CADER-NASCIMENTO, F. A.A.A.; COSTA, M. P. R. et al. Descobrimos a surdocegueira: educação e comunicação. São Carlos: EdUFSCar, 2010. CAMPELLO, A. R. e S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 1, n. 33, p. 143-167, jul. 2014. ISSN 2175-7968. Disponível em: Acesso em: 03 fev. 2016. doi: http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p143. LACERDA, C. B. F. de. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: LACERDA, C.B.F. de; GÓES, M. C. R. de (Org.). Surdez: Processos Educativos e Subjetividade. São Paulo: Editora Lovise, 2000. p. 51- 84. QUADROS, R. M. O tradutor e Intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: MEC; SEESP, 2002.</p>
<p>Bibliografia Complementar: AUBERT, F. H. As (In) Fidelidades da Tradução. Servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Unicamp, 1993. LACERDA, C. B. F. de. O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades In: LODI, A. C. E. et al. Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 120-128. PEREIRA, M. C. P.; RUSSO, A. Tradução e interpretação de língua de sinais: técnicas e dinâmicas para cursos. São Paulo: Cultura Surda, 2008. v. 1. 90 p. RICOER, P. Interpretação e ideologias. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. ROBINSON, D. Construindo o tradutor. Bauru, SP: EDUSC, 2002. SOBRAL, A. Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução. São Paulo: SBS, 2008. SOUZA, V. C. de; VIEIRA, R. Uma Proposta para Tradução Automática entre Libras e Português no SignWebMessage</p>

Fonte: Adaptação do PPP do curso de Letras Libras em UFG

A disciplina, apesar de ser optativa, já é um espaço de conhecimento e formação. Como referência bibliográfica básica está a obra de Cader-Nascimento e Costa (2010). Ambas as autoras famosas e já referenciadas ao descrever a universidade UFSCar, mas que, em seu desenvolvimento teórico, abordam questões relacionadas ao Surdocego e seu desenvolvimento educacional e social. Não abordam sobre a formação ou Estudos de Tradução e Estudos da Interpretação que são de constituição teórica do Guia-Intérprete. E o mais surpreendente: abordam sobre o Intérprete Surdo, mas não citam o Guia-Intérprete Surdo. Não há em nenhum momento uma indicação desse profissional ser o Surdo com a

formação específica.

O próximo curso de Letras que apresentamos é bem novo, oferecido pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – IFNMG. O curso de Licenciatura em Letras – Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na modalidade de educação a distância no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil – UAB, com Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, foi criado recentemente em 2017. Em sua grade curricular, há indicação específica sobre a Surdocegueira. Abaixo apresentamos as disciplinas como elas constam na matriz curricular.

Primeira disciplina

Disciplina: Surdo-cegueira (Optativa)	Carga Horária: 60h
Ementa: Acesso às informações das pessoas com surdocegueira e postura ética na atuação com a pessoa com surdocegueira.	
Bibliografia Básica: AGOSTINO, E. A. M.; COSTA, M. P. R. Aplicação de um programa para o ensino da leitura e escrita de palavras para o aluno com surdocegueira , Periódico do Mestrado em Educação da UCDB (Série-Estudos), Campo Grande, n. 22, p. 161-173, jul./dez. 2006. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2015. ALMEIDA, C. A. F. A aquisição da linguagem por uma surdocega pré-linguística numa perspectiva sociocognitiva-interacionista . Brasília: Universidade de Brasília, 2008. (Tese de Doutorado) Disponível em: Acesso em: 11 maio 2015. ANCCILOTTO, L. L. M.; GIACOMINI, L.; PETERSEN, M. I. Sugestões de estratégias de ensino para orientação e mobilidade . In: MAIA, S. R.; ARAÓZ, S. S. M.; IKONOMIDIS, V. M. Surdocegueira e deficiência múltipla sensorial: sugestões de recursos acessíveis e estratégias de ensino . São Paulo: Grupo Brasil, 2010.	
Bibliografia Complementar: BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 20 dez. 1996. BOAS, D. C. V. et al. A comunicação de pessoas com surdocegueira e a atuação fonoaudiológica , Distúrbio Comun, São Paulo, p. 407-414, dez. 2012. Disponível em: Acesso em: 11 jun. 2015. ARAÓZ, S. M. M.; COSTA, M. P. R. Considerações sobre o papel da família na educação de surdocegos , Políticas Educativas, Campinas, v. 1, n. 2, p. 121- 134, jul. 2008. Disponível em: Acesso em: 11 jun. 2015. A educação de estudantes portadores de surdocegueira. In: MASINI, Elcie F.S. (Org.). Do sentido... pelos sentidos...para o sentido . São Paulo: Vetor Editora, 2002. pp. 121- 144. ARAÓZ, Susana M. M. “Experiências de pais de múltiplos deficientes sensoriais surdocegos. Do diagnóstico à educação especial.” São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999. (Dissertação de Mestrado)	

Segue a segunda disciplina,

Disciplina: Libras Tátil (Optativa)	Carga Horária: 60h
Ementa: A língua de sinais tátil como comunicação e inclusão da pessoa surdocega. O uso das tecnologias assistivas e os códigos de linguagem	

Bibliografia Básica:

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e Práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdocegueira/múltipla deficiência sensorial** - MEC/SEESP, 2ª Ed. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Educação Infantil **Estratégias e orientações pedagógicas para a educação de crianças com necessidades educacionais.**

WATERHOUSE, E. J. **Definições, Responsabilidades e Direitos dos Surdocegos.** In: Anais I Seminário Brasileiro de Educação do Deficiente Audiovisual – ABEDEV. São Paulo, 1977.

Bibliografia Complementar:

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO. 2º Ed. Brasília, 1997

TAILLE, Yves de L., OLIVEIRA, M. K., DANTAS, H., **Piaget, Vygotsky, Wallon:** Teorias psicogenéticas em discussão. Pág. 23-36, São Paulo, ed. Summus, 1992

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Saberes e práticas da inclusão:** dificuldades de comunicação e sinalização: surdocegueira e múltipla deficiência sensorial. Brasília: MEC/SEESP; 2004.

AHIMSA. **Código de Ética do Intérprete.** 2003. [acesso em 2011 Maio 20]. Disponível em: http://www.ahimsa.org.br/centro_de_recursos/projeto_horizonte/CODIGO_DE_ETICA_DO_INTERPRETE.pdf.

Forchetti DA. **A história de Iago:** o menino guerreiro no mundo da comunicação alternativa [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000

BRASIL. DIRETRIZES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Projeto de Resolução CNE/CEB nº. 17/2001. Brasília, Julho, 2001.

AMARILIAN, M. L. T. **Comunicação e participação ativa:** a inclusão de pessoas com deficiência visual. In: AMARILIAN, M. L. T. (Org.). Deficiência visual: perspectivas na contemporaneidade. São Paulo: Vetor, 2009.

A bibliografia adotada por ambas as disciplinas, apesar de interessante, destaca a pessoa Surdocega, sua inclusão socioeducacional, suas formas de comunicação, seu aprendizado, sua convivência, suas causas e suas peculiaridades. Não há registro sobre o Guia-Intérprete, seus processos de tradução e interpretação que devem ser realizados durante a comunicação, como também não há referência sobre técnicas ou mesmo estratégia, competência e formação tradutórias e interpretativas que são o básico para a formação de discentes que irão trilhar na Guia-interpretação. Outro ponto interessante é o curso onde é oferecida a disciplina: é na licenciatura.

Este capítulo teve como objetivo apresentar, de forma cronológica, os diversos cursos de formação oferecidos no Brasil e a origem deles. Também elencamos legislações que citam a profissão e que determinam seu papel ou função e, por fim, analisamos as grades curriculares das universidades públicas e particulares de formação de bacharelado em Línguas de Sinais – LS na busca de disciplinas específicas para a formação do GI.

Toda a pesquisa teve como objetivo reconhecer os pressupostos que formam o Guia-Intérprete – GI no Brasil e nos trouxe algumas conclusões:

- i. Os cursos oferecidos pelas associações, grupos e instituições que formam Guias-Intérpretes são de grande importância. Porém, é necessário um aprofundamento,

uma especificação teórica acerca do que são os Estudos da Tradução – ET, os Estudos da Interpretação – EI e como esses formam uma base para a atuação do GI. É preciso nivelar esse aprendizado à mesma formação dos Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais – TILS;

- ii. Sobre a legislação, o termo Guia-Intérprete tem seu registro, está lá em diversos pontos. Contudo, não há uma definição, uma descrição do agir, de quem vai formar, de como será feita essa atuação em espaços diversos e, principalmente, a quem cobrar essa formação na esfera federal, estadual e municipal;
- iii. Os cursos universitários analisados nos mostram uma realidade sobre a Guia-intepretação no Brasil. Apesar da legislação determinar a presença do Guia-Intérprete – mesmo sem definir quem é esse profissional e qual sua função – não há referência nas formações dos cursos de bacharelado em Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais no Brasil. Ou seja, o profissional que deseja ter um conhecimento acadêmico tem de buscar a disciplina optativa, como por exemplo a da UFG, que já apresentamos, ou deve solicitar permissão para ser aluno de um outro curso, no caso licenciatura em Letras- Libras do IFNMG, que também já apresentamos.

Por fim, podemos apontar que a legislação e os estudos de formação no Brasil demonstram uma desvalorização do profissional Guia-Intérprete. Grande parte das pesquisas e bibliografias citadas estão centradas na Educação, que tem um papel importante para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem do Surdocego, mas que não são suficientes para a organização profissional e acadêmica de um Guia-Intérprete.

É provável que uma das hipóteses para esse não reconhecimento esteja na ausência de compreensão do que seja realmente o Guia-Intérprete, do que signifique a Guia-intepretação e de qual seja a definição dos processos tradutórios que envolvem a Libras Tátil, a Libras em Campo Reduzido ou mesmo o Tadoma, entre outras.

Acreditamos que, ao compreender melhor as Terminologias envolvidas, a formação de Guias-Intérpretes passe a ser reconhecida como um espaço diferente da área de ensino e mais próxima do campo dos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação.

Dessa forma, no próximo capítulo abordaremos a Terminologia, como ciência, e os Estudos da Tradução, como área correlata, as pesquisas desenvolvidas nessa área e sua grande importância para a formação dos Guias-Intérpretes.

CAPÍTULO 2

TERMINOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DE TRADUTORES, INTÉRPRETES E GUIAS-INTÉRPRETES

Iniciaremos este capítulo com a apresentação das três partes do presente estudo. Na primeira delas, será dada importância à relação entre a Terminologia e tradução e seus referenciais teóricos. Na segunda seção do tema, ressaltaremos as pesquisas desenvolvidas na área de Terminologia e Língua de Sinais realizadas por pesquisadores mestres e doutores surdos na área. O objetivo é alinhar esta pesquisa às que já vêm sendo desenvolvidas. Por fim, será exposta a relação entre a Terminologia e a formação de Guias-Intérpretes, bem como o levantamento das publicações bibliográficas na área de surdocegueira, principalmente as relativas à função de guia-intérprete.

2.1 TERMINOLOGIA REGISTRO IMPORTANTE

Considerando que a Terminologia, antes de ser reconhecida como uma ciência multidisciplinar, teve origem e evolução desde o momento em que as línguas são organizadas em gramáticas e dicionário (Faulstich, 1997, p. 71), o primeiro registro histórico da palavra “terminologia” se encontra publicado no *Dictionnaire des sciences, des letters et des arts*, em 1864. O conceito desse vocábulo se apresenta como uma palavra que designa um conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte e das ideias que elas representam (Barros, 2004, p.32). Porém, essa definição limitava a identificação da Terminologia como área de nomeação de objetos, elementos e ideias de uma determinada área. Com o advento das pesquisas científicas, o campo de atuação dessa área se desenvolve a tal ponto que o objeto do estudo em questão se transforma de uma simples nomeação de um léxico especializado em uma disciplina de descrição e análise de termos em contextos sociais de diversas línguas (Tuxi, 2017, p.24).

Para começar, enquanto um campo de estudo, uma disciplina com objeto específico e distinto, o termo Terminologia será grafado em letra maiúscula. Portanto, classificada como uma disciplina que descreve e analisa o léxico especializado em diversas áreas do conhecimento (Tuxi, 2017, p.24). Relacionaremos os referenciais teóricos a seguir:

Em 1931, a teoria do engenheiro Eugen Wuster qualifica e descreve o “termo” como uma unidade lexical concisa. O objetivo do autor era o desenvolvimento da padronização

terminológica, visando evitar a ambivalência dos termos. Daí, veio a origem da TGT, Teoria Geral de Terminologia. Enfim, para o Wuster, o termo é um elemento essencial na comunicação profissional e tem, por princípio, a uniformidade da comunicação.

Com a padronização terminológica em mente, a TGT sistematiza a relação unívoca entre termo e conceito no aspecto de comunicação da área de conhecimento. Afinal, o termo serve para nomear um conceito do mundo científico. Assim, ele aborda sob aspecto onomasiológico (conceito-termo), visando à definição tradicional através da rotulação e designação dos conceitos empregados na linguagem de especialidade. Apesar disso, a TGT foi tratada como uma teoria que limita o termo à representação de um único sentido, desconsiderando usos relacionados aos aspectos sociais, culturais e variacionistas, devido à sua visão monorreferencial.

Por conta disso, anos depois, aparecem novas correntes teóricas, relacionadas abaixo:

Ano	Local	Autor	Visão teórica
1976	Canadá	Pierre Auger	Surge uma nova corrente, a Socioterminologia, em que busca suas origens no cruzamento da sociologia da linguagem e interação linguística.
1980	França	Alain Rey	Terminologia é a área de análise do nome, em que um sistema definido é capaz de registrar o conceito e sua definição.
1991	França	François Gaudin	Terminologia é um ramo da Lexicologia não limitado à tradução, documentação e normalização, mas sim uma disciplina propensa a estudar os termos que veiculam as significações já inseridas nas práticas sociais.
1992	Espanha	Maria Tereza Cabré	Terminologia é um estudo dos termos especializados, enquanto disciplina. Como prática, tem confluência numa mesma estrutura dos princípios comuns do termo. Sendo produto dessa prática, equivale ao conjunto de termos de uma determinada especialidade que pode ser constituída em espaços sociais diversos.
1995	Brasil	Enilde Faulstich	Socioterminologia definida sob dois aspectos: a) Prática do trabalho terminológico: fundamentada na análise das condições de circulação do termo, baseada no funcionamento da linguagem; e b) Disciplina descritiva: estudo do termo sob a perspectiva linguística na interação social.

Fonte: Adaptação da tese da Tuxi 2017

Há de observar que os autores Auger, Gaudin e Faulstich, enquanto precursores da Socioterminologia nos seus respectivos países, reconhecem essa corrente como o uso do termo na interação social nos contextos em que são aplicados e suas relações sob âmbito sociocultural.

Em 1999, Cabré desenvolveu a Teoria Comunicativa de Terminologia – TCT, que tem o uso real do termo como principal ponto de análise descritiva das unidades terminológicas (Santos, 2018).

Em 2000, surge uma nova teoria terminológica, elaborada por Rita Temmerman, denominada Teoria Sociocognitiva de Terminologia (TST). Além de contestar a TGT de Wuster e ser semelhante da TCT da Cabré, a sua principal característica, conforme destacada pelo Santos (2018), está para o fato de conceituar o termo como uma unidade de compreensão e como o “resultado de uma estruturação socioculturalmente modelizante” (KRIEGER, 2008, p.03, *apud* SANTOS, 2018).

Portanto, nesta pesquisa de glossário monolíngue, aplica-se a Socioterminologia por conta de transição intermodal de um mesmo termo relacionado a sinal, impactando na compreensão pelos receptores surdocegos, influenciando na sua difusão pela comunidade surdocega.

O sinal-termo, cunhado pela Faulstich, durante a orientação ao Costa (2012) na sua tese de mestrado intitulada “*Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclobras (2012)*”, em que designa “um sinal que compõe um termo específico da LSB”. O sinal-termo é

“1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo adaptado do português para a Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos que denotem palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. (FAULSTICH 2011, *apud* CASTRO JÚNIOR, 2014)

O conceito de sinal-termo foi mais bem desenvolvido pelo Gláucio de Castro Júnior, na sua tese de doutorado, denominado “*Projeto VarLibras*”, que o define como

“um elemento que permite a partir de suas bases paramétricas, primordialmente, na perspectiva da terminologia, por meio das condições paramétricas, a constituição das propriedades linguísticas conceituais do termo e definir a pouca ocorrência de variação linguística ou da necessidade da substituição, para que se chegue à conclusão do significado” (Castro Júnior, 2014)

As linhas de pesquisa terminológica são de grande importância para o fundamento teórico das pesquisas e como linha de base de construção de pensamentos científicos. As

linhas acima foram base de teses que têm como tema central a terminologia e as línguas de sinais. A seguir, apresentaremos um breve histórico dessas pesquisas, realizadas por acadêmicos surdos e que repercutiram de forma impactante no campo da terminologia e das línguas de sinais.

2.2. TERMINOLOGIA E LÍNGUA DE SINAIS: PESQUISAS EM PROCESSO

Nesta seção, apresentamos teses de doutorado produzidas por acadêmicos surdos com foco na terminologia das línguas de sinais. São pesquisas realizadas especialmente em duas instituições de ensino: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Universidade de Brasília – UnB.

Iniciamos com a tese de doutorado de Castro Júnior (2014), que tem como tema a variação linguística em Língua de Sinais Brasileira – Libras e apresenta alguns procedimentos para a elaboração de uma pesquisa terminológica, de natureza bilíngue Libras/Português. Nessa pesquisa, registram-se sinais-termo que se apresentam de formas variantes na Libras com vistas à criação de um Núcleo de Pesquisa em Variações Regionais dos Sinais da Libras – Varlibras. Para isso, a metodologia estabelecida foi a análise de vídeos recebidos a partir de questionários aplicados no site do Projeto Varlibras e o registro de cada sinal-termo em Libras. Como resultado, o autor mostra difusão dos sinais-termo criados, que o registro lexicográfico da Libras é fundamental, principalmente se feito por pesquisadores de um núcleo especializado como o Varlibras, que tem por meta elaborar dicionários, léxico alfabético bilíngue e glossários em Libras.

A tese de doutorado de Martins (2018) visa documentar, em Libras, os sinais-termo relacionados à área de Psicologia que são utilizados por psicólogos surdos brasileiros. Na oportunidade, essa pesquisa se dedicou a registrar os sinais-termo na área da Psicologia, utilizados no Brasil. Para isso, a metodologia estabelecida consistiu dos seguintes procedimentos: a) seleção dos termos em português; b) seleção dos informantes; c) seleção dos juízes; d) organização de questionários; e) avaliação e validação de sinais-termo dos juízes; f) preenchimento da ficha terminológica; g) registro dos sinais-termo validados e h) publicação no site do Glossário de Libras. Como resultado, a autora registrou 83 sinais-termo da área da Psicologia.

A tese de doutorado de Andrade (2019) objetiva a produção de um glossário multilíngue na área de nutrição e alimentação, em três línguas de sinais: a brasileira (Libras), a norte-americana (ASL) e a francesa (LSF) – as três pertencendo à mesma família

Linguística. Na oportunidade, a pesquisa registra sinais-termo e suas variantes na área de nutrição e alimentação, utilizados no Brasil. Para isso, a metodologia estabelecida consistia dos seguintes procedimentos: a) pesquisa bibliográfica em dicionários e glossários nas respectivas línguas; b) complementação dos sinais-termo; c) validação na Comunidade Surda; d) organização em fichas terminográficas, contendo informações paramétricas, conceituais e de contexto. Como resultado, a autora registrou 561 sinais-termo da área de nutrição e alimentação, cuja série de vídeos compõe uma nova ferramenta de acesso aos sinais-termo e conceitos da área.

Na tese de doutorado de Prometi (2020), em que o objeto do estudo são os termos dos instrumentos musicais da área de Música em Libras, há a criação de seus sinais-termo assim como sua validação. Nessa pesquisa, o objetivo foi criar um Léxico Visual Bilíngue da área da Música que atenda a duas línguas, o português e a LSB. Na oportunidade, a metodologia estabelecida consistia dos seguintes procedimentos: a) seleção dos termos em português para a criação dos sinais-termo da área da Música; b) recolha dos recursos visuais do Léxico Bilíngue para apresentá-los ao grupo de pesquisa; c) discussão no grupo de pesquisa sobre os conceitos dos termos escolhidos em português para a criação dos sinais-termo da área da Música; d) criação dos sinais-termo da área da Música; e) gravação em vídeo e registro em foto dos verbetes do Léxico Visual Bilíngue; f) armazenamento dos sinais-termo em mídias digitais; e g) validação dos sinais-termo da área da Música. Foi realizada, ainda, a análise de duas obras lexicográficas, cujos sinais musicais fossem a base do roteiro. Como resultado, a autora tornou acessível um material de consulta direcionado, em especial, aos alunos Surdos que estudam Música, professores e tradutores e intérpretes de Línguas de Sinais (TILS).

Na tese de doutorado de Costa (2021), o objetivo geral foi analisar o corpus linguístico da terminologia em Língua Brasileira de Sinais, na área de Ciências Naturais, especificamente sobre os sistemas do Corpo Humano, com foco nos sistemas cardíaco, respiratório e reprodutor, a fim de compreendê-los a partir de uma perspectiva terminológica e produzir um material digital, bilíngue, acessível, com sinais-termo dessa temática. Na oportunidade, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que foi utilizada a metodologia de discussão e interação em grupos de pesquisas compostos por surdos, que, através do levantamento de dados, visou analisar os sinais-termo sob uma perspectiva terminológica e assim estabelecer um conjunto de dados que pudessem relacionar devidamente os conceitos em Libras e em Língua Portuguesa, além de fundamentar as devidas correlações existentes entre ambas as línguas. Consequentemente, foi criada uma

abordagem teórica sobre a gramática das línguas de sinais denominada Visologia Corporal, que se traduz por uma leitura visual do corpo e da mente do emissor, o que influencia decisivamente nas escolhas lexicais e terminológicas, a partir de um cenário tridimensional. Como resultado, este estudo permitiu a criação de um material enciclopédico digital contextualizado, amparado em tecnologia visual, denominado “EncicloSigno em contexto”, demonstrado por meio de um site acessível composto por uma terminologia científica.

2.3 SOCIOTERMINOLOGIA E A FORMAÇÃO DE GUIAS-INTÉRPRETES SURDOS

Nesta parte, relacionaremos a aplicação prática da socioterminologia na formação de guias-intérpretes surdos.

Há de lembrar que a Socioterminologia, enquanto disciplina descritiva, aplica um dos princípios que trata de Etnografia, em que são “as comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito” (Faulsitch, 1995, s/p.). Por sua vez, a Libras Tátil é uma modalidade intralingual e intramodal, ou seja, é uma língua de sinais tátil que não depende de recepção visual, direcionando a recepção na forma tátil, cujo processo intramodal envolve a modalidade gestual-visual-tátil. (Ferreira, 2019, p.54), para os Guias-Intérpretes Surdos.

Pensar essas duas estruturas de organização linguística nos fez abstrair como se dá a constituição real do sinal-termo na perspectiva da Libras tátil. Seria uma construção de tradução do modo viso-espacial para o háptico? Ou seria uma nova construção, um novo signo linguístico, um novo pensamento de tradução e interpretação que o guia-intérprete, no caso desta pesquisa, surdo, deve possuir?

O pensamento de que ocorre uma tradução entre a Libras para a Libras Tátil já é um registro real, como afirma (COLLINS, 2004), portanto o sinal-termo quando aplicado no campo da guia-interpretação também tem um novo processo de pensamento, um novo signo linguístico que vai além do já expressado no sinal-termo. Esse pensamento teórico é que baseia a organização do glossário monolíngue e que norteia o pensamento inicial do termo-sinal-tátil³². A seguir daremos início ao percurso metodológico para elaboração do glossário.

³² O conceito inicial elaborado pela pesquisadora Ivonne Makhoul parte do contexto de que a tradução da Libras para a Libras Tátil perpassa uma nova construção do conceito linguístico do sinal-termo e que tem como base o pensamento abstrato háptico.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA COM ORGANIZAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM GLOSSÁRIO MONOLÍNGUE LIBRAS

Neste capítulo, apresentaremos as técnicas metodológicas desta pesquisa. Para isso, seguiremos a proposta metodológica de Tuxi (2017) sobre metodologia de pesquisa em Terminologia e os Estudos da Tradução para organização de glossários monolíngues que tenham como língua de ensino as Línguas de Sinais.

3.1 ABORDAGEM E NATUREZA DA PESQUISA

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, de natureza descritiva. Segundo Godoy (1995, p.58), a abordagem qualitativa:

[...] é a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Também é possível compreender o conceito de abordagem qualitativa, Segundo Flick (2010, p.16):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem.

A pesquisa pretende analisar as questões que combinam o espaço de Guia-Intérprete, no ambiente do uso de Surdocegueira e com relação a descrever, analisar e coletar seus elementos.

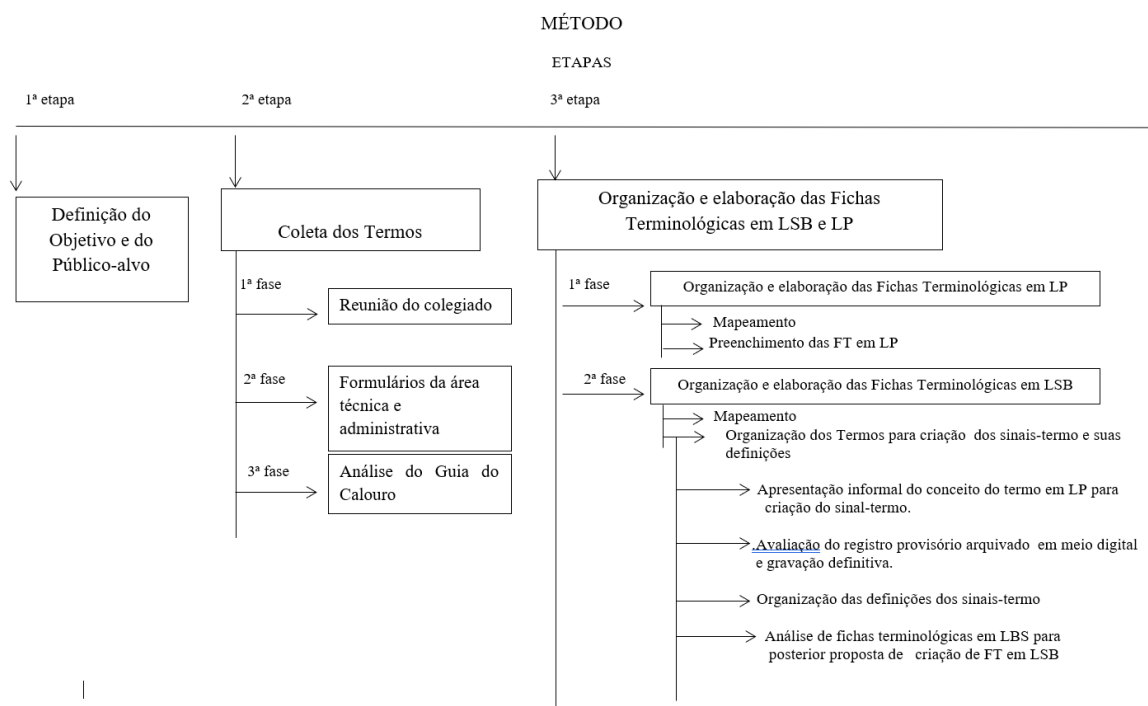
Nessa lógica, a natureza da pesquisa descritiva, afirma o autor Gil (1999, p. 46 “[...], tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”. Assim, a presente pesquisa possibilitou analisar o ambiente de Libras inserida no contexto real da situação,

tanto pela prestação de serviços Guias-Intérpretes Surdos como pela atuação de Guia-Intérprete.

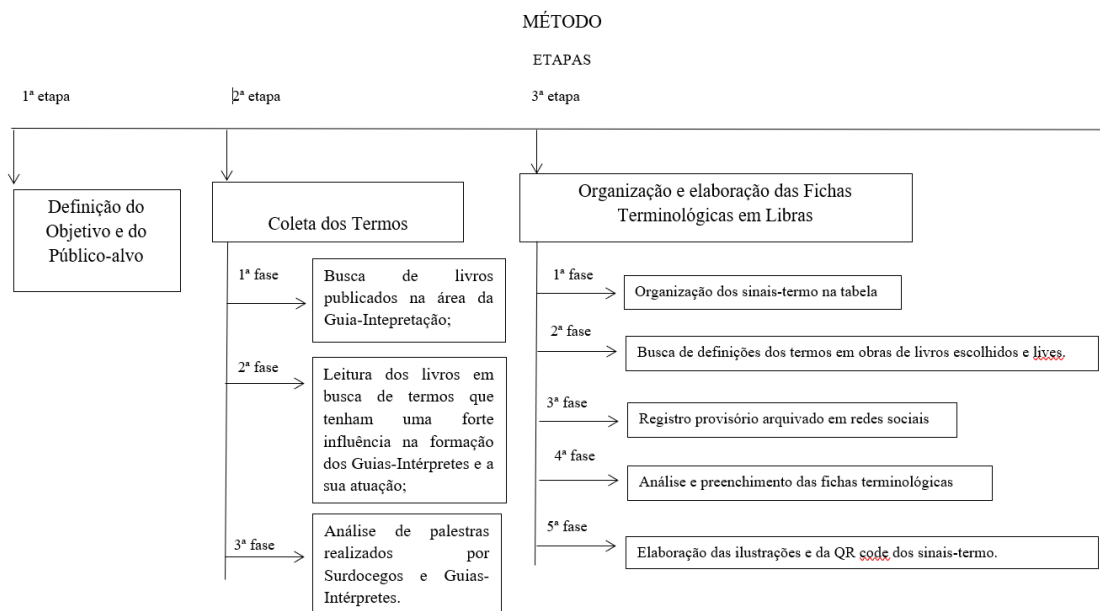
Assim, com base na abordagem, na natureza e nos procedimentos, apresentamos as etapas metodológicas da pesquisa terminológica. Utilizaremos o percurso metodológico instituído por Tuxi (2017), com pesquisa durante o processo de observação, coleta, análise e registro dos sinais- termo em Libras, em sua tese de doutorado por meio da metodologia, na qual a autora desenvolveu um fluxograma que visa ao cadenciamento processual, com base nos princípios teóricos de Chiavenato (2007).

[...] o fluxograma tem uma representação horizontal que significa as etapas desenvolvidas em determinado tempo e a representação vertical os procedimentos executados em cada etapa, sendo que estes precisam ser concluídos para que uma nova etapa se inicie. As etapas consistem em: i) As etapas do percurso metodológico e ii) A segunda fase da terceira etapa que é: Organização e elaboração das Fichas Terminológicas em LSB. (TUXI, 2017, p. 121)

Segue o fluxograma de TUXI (2017):



Baseado nesse fluxo, segue uma adaptação da pesquisadora (2021):



Esse fluxograma é adaptado a partir do apresentado acima. Iniciamos descrevendo as três etapas principais e seus procedimentos específicos. São elas: A primeira fase retrata o objetivo e público-alvo. A segunda, denominada Coleta dos Termos, subdivide-se em quatro fases, a saber: i) busca de livros publicados na área da Guia-Interpretação; ii) leitura dos livros em busca de termos que tenham uma forte influência na formação dos Guias-Intérpretes e na sua atuação e iii) análise de palestras realizados por Surdocegos e Guias-Intérpretes. A terceira fase refere-se à Organização e elaboração das fichas terminológicas em Libras.

3.2 DEFINIÇÃO DO OBJETIVO E DO PÚBLICO-ALVO

A primeira etapa consiste em definir o objetivo e o público-alvo da pesquisa. Assim, o objeto de estudo são os Guias-Intérpretes Surdos, com o objetivo de um glossário monolíngue com os sinais-termo do campo da Guia-Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – Libras. Esta pesquisa segue o modelo de glossário proposto por Faulstich (1995 apud Tuxi, 2017), que entende como:

- a) Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.
- b) Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.
- c) Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência (Faulstich, 1995, p. 16).

Por entender que esta pesquisa vem se juntar às demais já realizadas na área, dentre as que mais destacamos e apresentamos acima, escolhemos seguir o mesmo pressuposto teórico, ou seja adotar a letra “c”. Assim, entendemos o glossário como um conjunto de termos da área científica ou técnica, organizado em ordem alfabética ou sistêmica que contém informações importantes para a compreensão dos significados do termo no sistema linguístico social.

Nesta pesquisa, o glossário é monolíngue, pois destina-se à formação de Guias-Intérpretes Surdos que atuam no campo profissional da Guia-interpretação.

Na proposta, a organização ocorre em Língua Brasileira de Sinais – Libras, podendo, se possível, apresentar seu equivalente em uma outra língua de sinais (língua de sinais de outros países). Dessa forma, o glossário segue uma estrutura direta baseada na modalidade visuoespacial da Língua de Sinais.

A segunda fase desta primeira etapa, considera a identificação do público-alvo. De acordo com Faulstich (1995, p. 35), “identificar o consulente é o primeiro passo de um trabalho terminográfico, pois determina a estrutura e o tipo de obra que será elaborada”. Assim sendo, o público-alvo desta pesquisa são profissionais que atuam de maneira formal ou informal, como Guias-Intérpretes com pessoas com surdocegueira pós-linguística, usuárias da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Portanto, com os objetivos e o público-alvo definidos, passamos a descrever a próxima etapa da pesquisa, que consiste na Recolha dos Termos.

3.3 RECOLHA E COLETA DOS TERMOS

A etapa denominada “Recolha dos Termos” consistiu em três fases que ocorreram em espaços e momentos específicos: i) busca de livros publicados na área da Guia-Interpretação; ii) leitura dos livros em busca de termos que tenham uma forte influência na formação dos Guias-Intérpretes e na sua atuação e iii) análise de palestras realizadas por Surdocegos e Guias-Intérpretes, por meio de vídeos publicados nas redes sociais, para contrastar com os termos retirados dos livros.

A primeira fase foi bem desafiadora, pois houve uma busca incessante de livros que abordassem a guia-interpretação. Na realidade ficou claro que há ainda poucas publicações de obras literárias acerca dos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais – ETILS. Há um número significativo de artigos, resumos expandidos, mas não livros publicados. Sobre GI encontramos duas obras: uma datada de 2010 e outra atual de 2019.

Por uma visão de desenvolvimento da área, optamos pela obra de 2019 intitulada Práticas de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para Pessoas com Surdocegueira.

A seguir, nas figuras 01 e 02, apresentamos as capas dos livros da área.



Figura 01- Fonte: Edu UFScar (2010)³³



Figura 02- Fonte: Intralibras (2019)³⁴

Partindo para a segunda fase da segunda etapa, considerando a frequência e o uso pela comunidade surdocega, encontramos 18 termos mais utilizados nas publicações escritas, para análise de acordo com a problemática desta pesquisa.

Os termos são:

ABRASC	FEBRAPILS
ALFABETO MANUAL COM DUAS MÃOS	ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
ALFABETO MANUAL TÁTIL	SISTEMA BRAILLE TÁTIL
FENEIS	SÍNDROME USHER
GUIA VIDENTE	GRUPO BRASIL
GUIA-INTERPRETAÇÃO	SURDOCEGO COM BAIXA VISÃO
GUIA-INTÉRPRETE	SURDOCEGO
HÁPTICA	PRÓ-TÁTIL
INSTRUTOR MEDIADOR	AHIMSA
LIBRAS EM CAMPO REDUZIDO	RETINOSE PIGMENTAR

³³ Disponível em: < <https://www.edufscar.com.br/descobrimo-a-surdocegueira-educacao-e-comunicacao> > (Acesso em 26 jan. 2021).

³⁴ Disponível em: < <https://www.intralibras.com/product-page/livro> > (Acesso em 26 jan. 2021).

Fonte: MAKHOUL (2020)

Com o fim de recolha dos termos, resolvemos separá-los e agrupá-los em cinco categorias. Para entender a separação, nomeamos os grupos da seguinte maneira: formas de comunicação, instituição, profissão com técnica, característica subjetiva. A seguir, tabelas 09 a 12, as categorias dos termos selecionados.

TABELA 09:

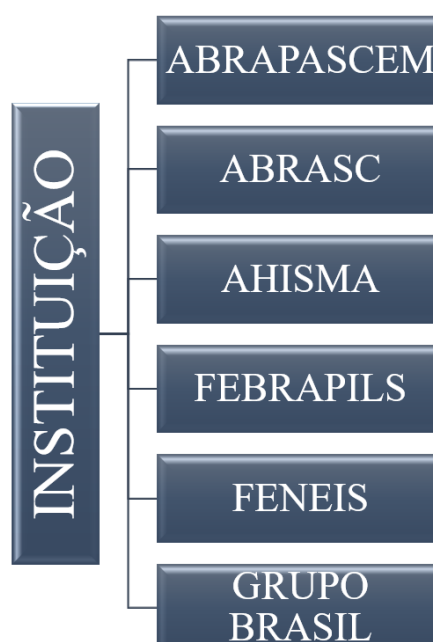


TABELA 10:

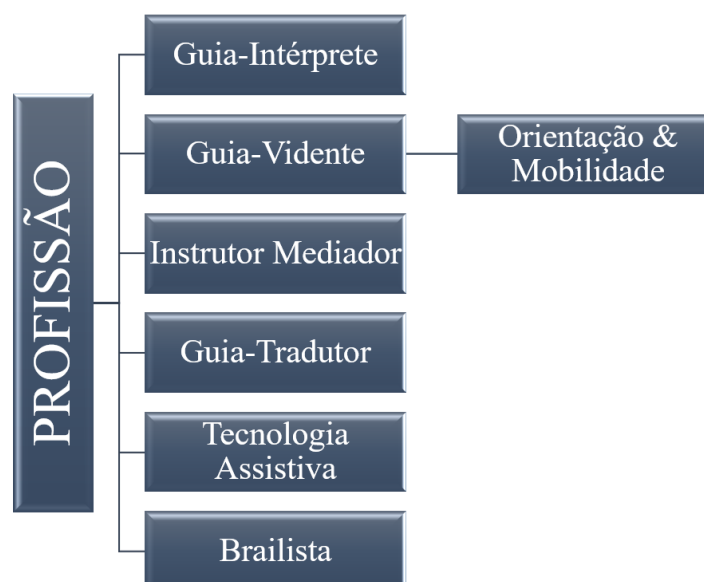


TABELA 11:

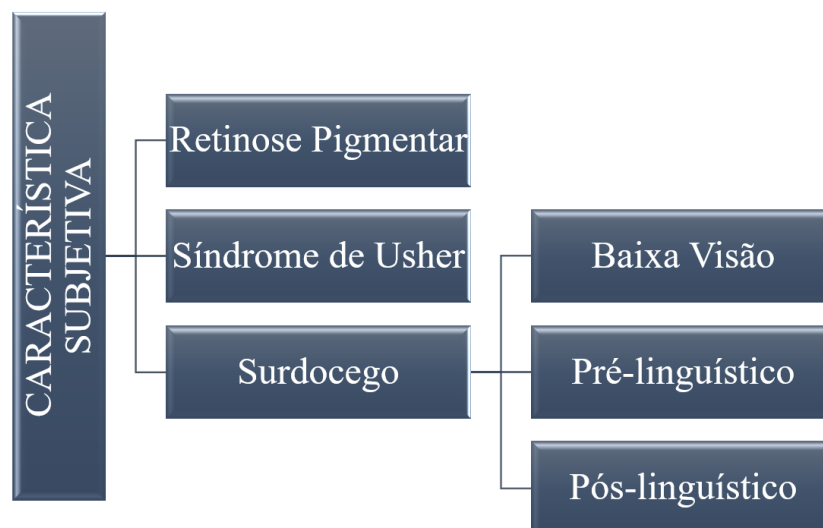
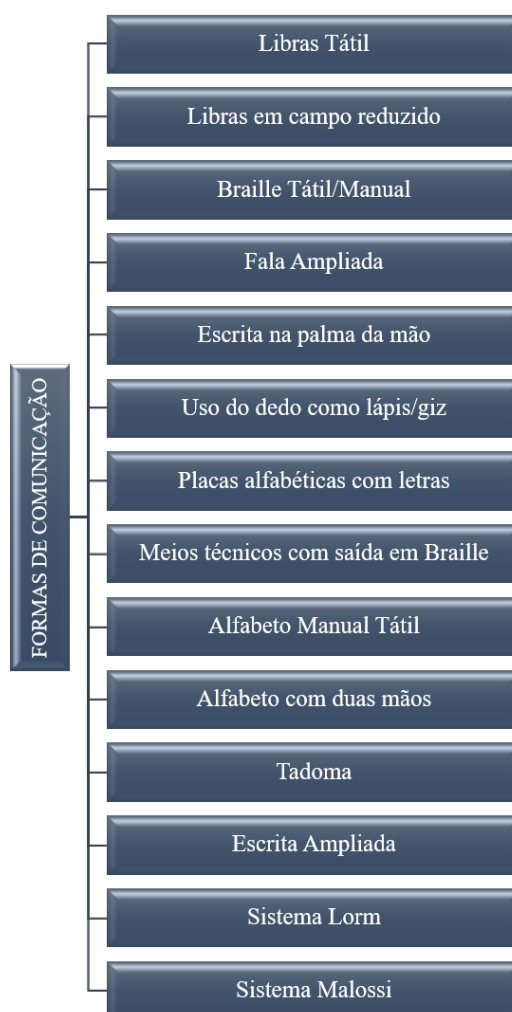


TABELA 12:



A terceira e última fase da segunda etapa foi a coleta dos sinais-termo em Libras, nas

lives que ocorreram durante a pandemia e que tinham como tema a formação de GIS e/ou aprendizado do surdocego. Abaixo são apresentadas as palestras realizadas ao vivo, em que foram coletados os sinais-termo.

Durante a pandemia, que perdura desde 26 de fevereiro de 2020, a primeira *live* com o tema "GUIA-INTÉRPRETE PARA SURDOCEGO", apresentado no canal de Youtube "Letras Libras-LPL2 UFRN", contando com a participação da palestrante Rosani Suzin, líder surdocega, que discorreu sobre "Interpretação Libras pró-tátil para surdocegos", da Lara Gontijo, outra líder surdocega, que, por sua vez, expôs o tema "Capacitação Profissional para atuar com surdocegos", e, por fim, da pesquisadora Ivonne Makhoul, guia-intérprete e professora, com o tema "Guia-Intérprete Surdo". Abaixo a divulgação do cartaz da palestra realizada ao vivo:



MAKHOUL, 2021³⁵

Depois foi realizada a segunda *live* com tópico "Relatos: Experiências sobre o trabalho do guia-intérprete surdo", realizado no canal Youtube da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais – FEBRAPILS, com apoio da Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua Sinais – ACATILS³⁶, com a presença das palestrantes Rosani Suzin e Ivonne Azevedo Makhoul, conforme o cartaz abaixo:

³⁵ Live disponibilizado no canal Youtube "Letras Libras-LPL2 UFRN", link acesso <<https://youtu.be/Ctbxh2ChTtw>>

³⁶ Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua Sinais – ACATILS, com contato acatils@gmail.com

NO YOUTUBE
@CANALDAFEBRAPILS

**LIVE DA
FEBRAPILS
26/08 16H**

Relatos: Experiências sobre o trabalho do
guia-intérprete surdo

Mediação: Rafaela Hoebel
Convidados: Rosani Suzin e
Ivonne Azevedo Makhoul

Realização: Apoio:

FEBRAPILS acatils

MAKHOUL, 2021³⁷

A terceira live aborda o assunto “Surdocegos em tempo de pandemia”, realizada no canal Youtube da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, promovida pela regional do estado de Paraná, com apoio da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul, com a apresentação das palestrantes Rosani Suzin, Vânia Ferreira Farias e Ivonne Makhoul, com a mediação do professor surdocego Carlos Eduardo Vilela. Eis a divulgação abaixo:

³⁷ Live disponibilizado no canal Youtube **Canaldafebrapils**, link acesso < <https://youtu.be/A2i1kYZSTAQ> >.

SURDOCEGO EM TEMPO DE PANDEMIA
27 de Novembro de 2020
19h00 às 21h30

SURDOCEGO

Coordenador de Surdocegos
Carlos Eduardo Vilela

Prof. Esp. Carlos Eduardo Vilela
Surdocego

Vânia Ferreira Farias
Surdocega

Profa. Mestrando Ivonne Makhoul
Surda

Profa. Esp. Rosani Suzin
Surdocega

YouTube: Surdocegos do Brasil
E-mail: Surdocegos@pr.feneis.org.br

CERTIFICADO
Inscrição: R\$ 20,00 reais

Feneis
 Paraná

MAKHOUL, 2021³⁸

Nessa palestra ocorrida ao vivo, a apresentação da professora Ivonne Makhoul relata “Experiência de Intercâmbio e minha profissionalização como Guia-Intérprete”, conforme o recorte abaixo:

@FENEISOFICIAL

LIVE **YouTube**

PROFA. MESTRANDO IVONNE MAKHOUL

EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO E MINHA PROFISSIONALIZAÇÃO COMO GUIA-INTÉRPRETE

SURDOCEGO **Feneis** **Paraná** **SEGUIE LÁ** **@SurdocegosdoBrasil**

A quarta *live*, por ocasião do “Seminário de Letras Libras”, promovida pelo alunado do campus Montes Claros do Instituto Federal Norte de Minas Gerais - IFNMG, discutiu sobre o novo Decreto de 10.502/2020, que engloba a pessoa com surdocegueira, como se vê no cartaz abaixo:

³⁸ Live disponibilizada no canal Youtube **Feneis Oficial**, link acesso < <https://youtu.be/xsSvswEIwHU> >.

SEMINÁRIO DE LETRAS LIBRAS  

“Decreto 10.502/20 englobando a pessoa com surdocegueira.”
INSTITUI A POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

16
JANEIRO / **8H30**
2021

Inscrição Gratuita:



PALESTRANTE
IVONNE AZEVEDO MAKHOUL
 Professora de Libras do IFMG-Campus Ouro Branco
 Graduada Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira pela UFSC
 Mestranda da Universidade de Brasília

MEDIADOR
GABRIEL FRANCA DO COUTO
 Formação: Letras Libras - UFSC
 Profissional: Professor de Libras CAS / Montes Claros

 **Terá Certificado**

Intérpretes de Libras  

Kariny Abreu **Pauliene Procópio**

 <https://www.youtube.com/channel/UCQcWiPN9NeWiCRrXnnJMqmA> **POLO MONTES CLARDS I**

MAKHOUL, 2021³⁹

A última apresentação realizada ao vivo, mas não derradeiro *live* enquanto perdurar a situação da pandemia, trata do “Encontro dos Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Libras/Português” produzida pelo Instituto de Educação e Ensino de Libras - IEEL, versa sobre a atuação de Guia-Intérprete Surdo na área da Educação, conforme pode ser visto na publicação abaixo:

³⁹ Live disponibilizado no canal Youtube **MOC 1 IFNMG**, link acesso < https://youtu.be/pkz_qznNnEk >.



MAKHOUL, 2021⁴⁰

A partir de todas as *lives* e do conteúdo apresentado, foi possível chegar a um novo quadro de termos. Dessa vez, 37 termos que compõem o universo conceitual da atuação do Guia-Intérprete Surdo e que precisa ser organizado e registrado de forma a ser oferecido na formação, ensino, complemento de material didático e forma de consulta de profissionais que atuam ou desejam atuar na área. Abaixo os termos selecionados:

Quadro 01: Termos selecionados após *lives*

ABRAPASCEM	GUIA-VIDENTE
ABRASC	HÁPTICA
AHIMSA	INSTRUTOR MEDIADOR
ALFABETO LORM	LIBRAS EM CAMPO REDUZIDO
ALFABETO MANUAL COM DUAS MÃOS	LIBRAS TÁTIL

⁴⁰ Live disponibilizado no canal Youtube **IEEL LIBRAS**, link acesso < https://youtu.be/Y_ES07A-U1s >.

ALFABETO MANUAL TÁTIL	MALOSSI
BRAILISTA	ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
DEDO COMO LAPÍIS	PLACA DE COMUNICAÇÃO
ESCRITA AMPLIADA	PRÓ-TÁTIL
ESCRITA PALMA DA MÃO	RETINOSE PIGMENTAR
FALA AMPLIADA	SÍNDROME USHER
FEBRAPILS	SISTEMA BRAILLE MANUAL TÁTIL
FENEIS	SURDOCEGO
GRUPO BRASIL	SURDOCEGO COM BAIXA VISÃO
GUIA-INTÉRPRETE	SURDOCEGO ADQUIRIDO
GUIA-INTÉRPRETE AMBIENTES COMUNITÁRIOS	SURDOCEGO CONGÊNITO
GUIA-INTÉRPRETE ARTÍSTICO	TADOMA
GUIA-INTÉRPRETE CONFERÊNCIA	TECNOLOGIA ASSISTIVA
GUIA-TRADUTOR	

Com o fim da Recolha dos Termos, passamos à elaboração da terceira etapa, que, seguindo o modelo proposto acima (TUXI, 2017), dá início à organização e à elaboração das fichas terminológicas. É preciso registrar que as Fichas Terminológicas são a base da organização do verbete e, portanto, uma fase importante.

3.4 ORGANIZAÇÃO E A ELABORAÇÃO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS

Após a coleta, a etapa da organização e a elaboração das fichas terminológicas foram divididas em 5 passos: (1) Organização dos sinais-termo na tabela; (2) Validação dos sinais-termo; (3) Registro provisório arquivado em redes sociais; (4) Análise e preenchimento das fichas terminológicas; (5) Elaboração das ilustrações e da QR *code* dos sinais-termo.

3.4.1 Organização dos sinais-termo na tabela

Os sinais-termo foram organizados na tabela abaixo (tabela 13). Nela, na primeira coluna, foram colocados todos os termos buscados. As colunas segunda e terceira correspondem à fonte pesquisada (azul para livros e verde para *lives*). Essas colunas são preenchidas com X quando o sinal-termo aparece na fonte.

TABELA 13

TERMOS	Livros		Lives				
	1	2	1	2	3	4	5
Alfabeto Lorm		X					
Alfabeto Manual com duas mãos	X	X	X				X
Alfabeto Manual Tátil	X	X	X	X	X	X	X
Dedo como lápis	X	X	X				X
Escrita Ampliada	X	X	X				X
Escrita Palma da mão	X	X	X				X

MAKHOUL, 2021

3.4.2 Validação dos sinais-termo

Os sinais-termo não encontrados durante a coleta nas obras e *lives* foram levantados e validados na comunidade Surda e Surdocega pelos intérpretes e tradutores surdos e surdocegos. Algumas validações ocorreram nos grupos de *WhatsApp* (aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas) em que foram questionados os sinais-termo não encontrados. São sinais-termo: Alfabeto Lorm, Alfabeto Malossi, Guia-intérprete Ambientes Comunitários, Guia-Intérprete Artístico, Guia-Intérprete Conferência.

3.4.3 Registro provisório arquivado na plataforma de compartilhamento de vídeos

Durante a coleta, todos os sinais-termo coletados foram filmados, registrados como “não-listados” provisoriamente e armazenados na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, canal Ivonne Makhoul⁴¹. A filmagem dos registros “não-listados” foi realizada em sua maioria pelo celular Samsung e notebook Acer, ambos de propriedade da pesquisadora.

3.4.4 Análise e preenchimento das fichas terminológicas

Como forma de organização das Fichas Terminológicas utilizamos uma estrutura composta de seis (6) partes, conforme a imagem abaixo:

⁴¹ Disponibilizado no canal Youtube Ivonne Makhoul, link acesso < <https://www.youtube.com/channel/UCL-09ZznCTVIOfl4gVqQ87A> >

ORDEM (1)		ENTRADA (2)	
ENTRADA e DEFINIÇÃO (3)	LIBRAS (4)		QR CODE (5)
ILUSTRAÇÃO (6)			

O campo de número um significa a ordem da Ficha Terminológica, que, nesse caso, vai de 1 a 38. O segundo campo é a entrada em Língua Portuguesa. O terceiro campo é muito importante para nós, pois traz a entrada em Língua de Sinais e a definição, ou seja, dá o conceito do termo em Libras. O quarto campo é o sinal- termo, ou seja, o termo em Língua de Sinais com todo o significado conceitual que o sinal-termo deve ter. O quinto campo é o QR Code, adotado em toda a pesquisa e que segue o sistema de Tuxi (2017), no qual todos os registros devem oferecer ao consulente o sinal-termo com todos os seus aspectos de constituição gramatical. E o sexto campo é uma indicação por meio da imagem do significado que é o sinal-termo, seguindo modelo da ficha terminográfica de Andrade (2019).

Definida a estrutura da ficha, passamos ao registro delas abaixo.

ORDEM	01	ENTRADA	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOCEGOS E MÚLTIPLOS DEFICIENTES SENSORIAIS (ABRASCEM)
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁴²			
 ABRAPASCEM Associação Brasileira de Pais e Amigos dos Surdocegos e Múltiplos Deficientes Sensoriais			

⁴²https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Fwww.ahimsa.org.br%2F&psig=AOvVaw2_PLRxkBZrNtrPOrt910s5&ust=1616869209969000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCLD32arJzu8CFQAAAAAdAAAAABAI

ORDEM	02	ENTRADA	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SURDOCEGOS (ABRASC)
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁴³			
 <p>Associação Brasileira de Surdocegos</p>			

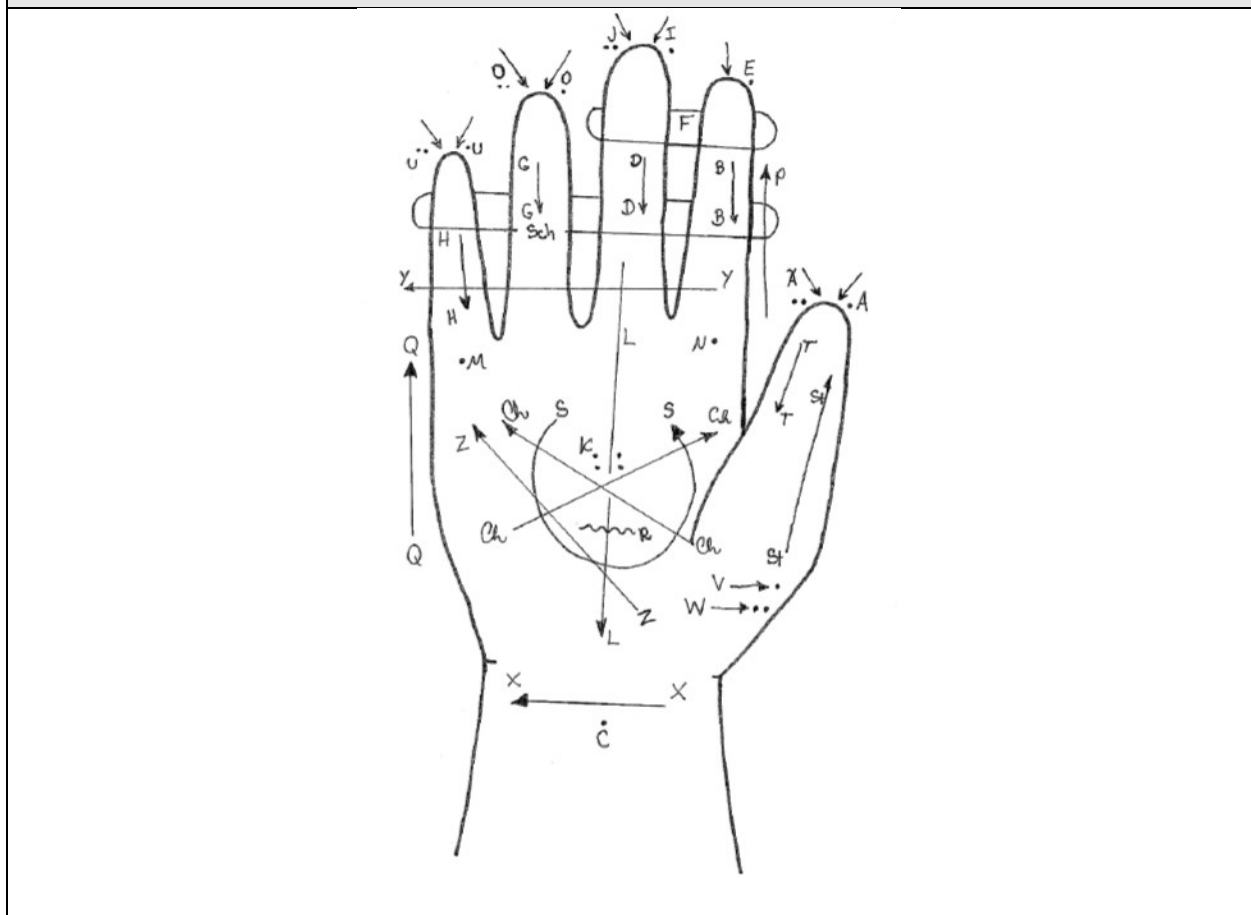
⁴³ https://scontent-gru2-2.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/23843120_377535892706251_514165958945471843_n.jpg?_nc_cat=111&ccb=1-3&_nc_sid=e3f864&_nc_ohc=8MJbjNoUb_8AX90-6wd&_nc_ht=scontent-gru2-2.xx&oh=766bfd050cffbbb2234f749448e7a8df&oe=608422A0

ORDEM	03	ENTRADA	ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL PARA MÚLTIPLA DEFICIÊNCIA (AHIMSA)
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁴⁴			
			

⁴⁴ <http://www.ahimsa.org.br/>

ORDEM	04	ENTRADA	SISTEMA LORM
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			

ILUSTRAÇÃO⁴⁵



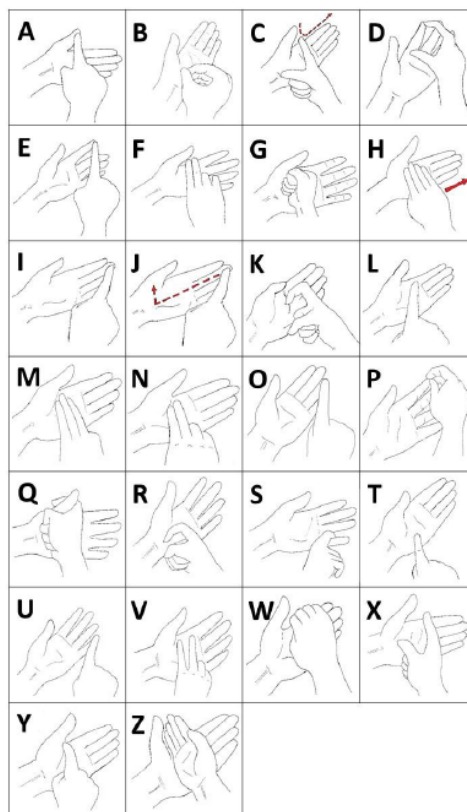
⁴⁵ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	05	ENTRADA	ALFABETO MANUAL COM DUAS MÃOS
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁴⁶			
			

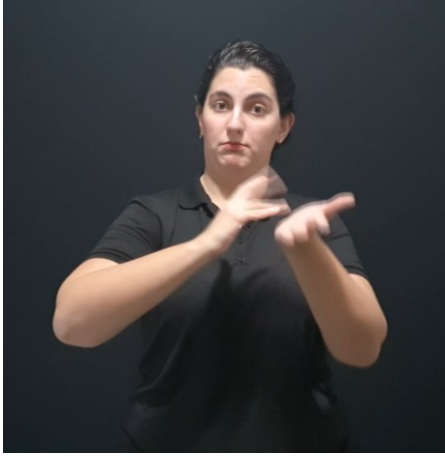


⁴⁶ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	06	ENTRADA	ALFABETO MANUAL TÁTIL
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			



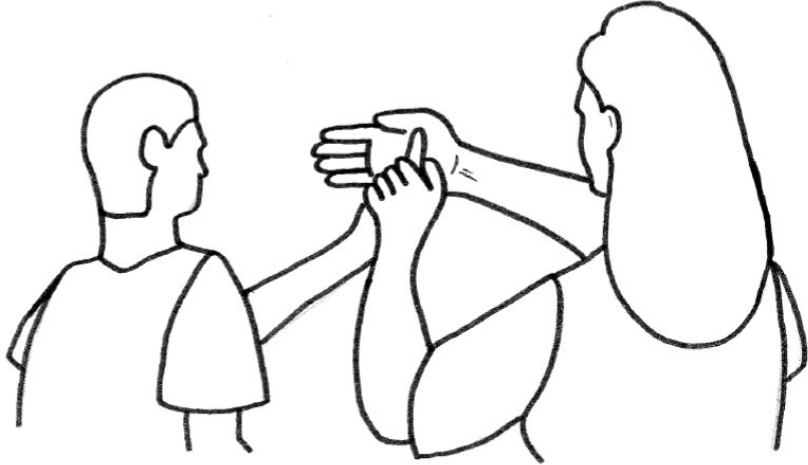
ILUSTRAÇÃO⁴⁷






⁴⁷ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	07	ENTRADA	BRAILISTA
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁴⁸			
			

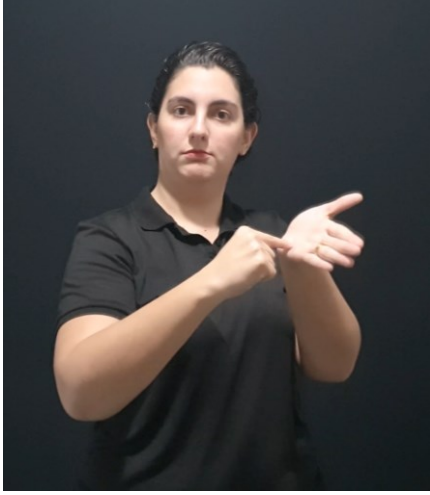

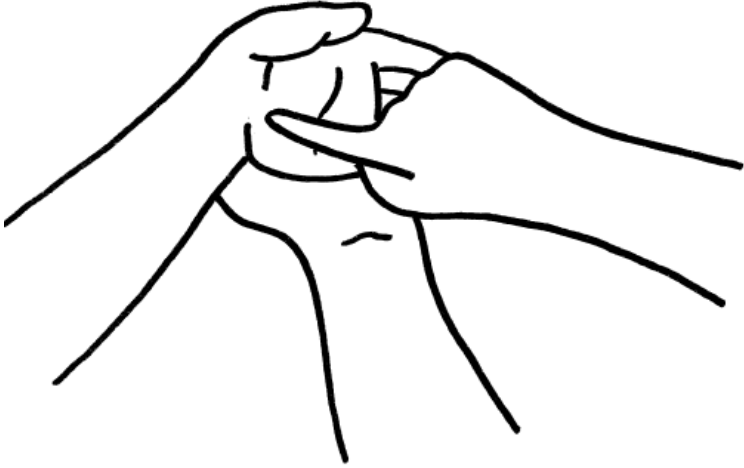
⁴⁸ <https://www.wreducacional.com.br/curso-de-sistema-braille>

ORDEM	08	ENTRADA	USO DE DEDO COMO LAPÍS
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁴⁹			
			

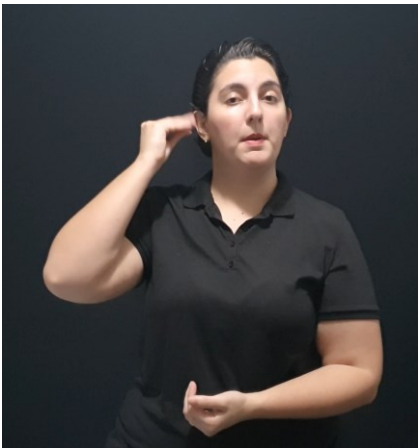


⁴⁹ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	09	ENTRADA	ESCRITA AMPLIADA
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵⁰			
			

⁵⁰ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	10	ENTRADA	ESCRITA NA PALMA DA MÃO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵¹			
			

⁵¹ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	11	ENTRADA	FALA AMPLIADA
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵²			
			

⁵² Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	12	ENTRADA	FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA-INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS (FEBRAPILS)
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵³			
			

⁵³ <https://febrapils.org.br/>

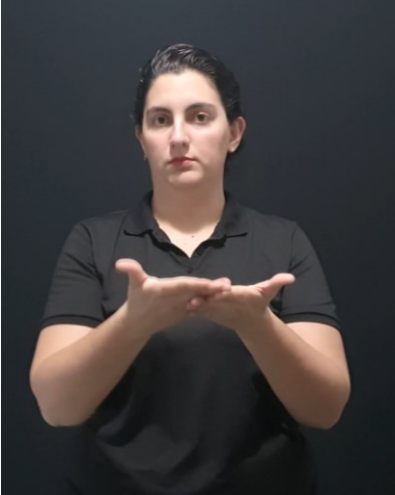

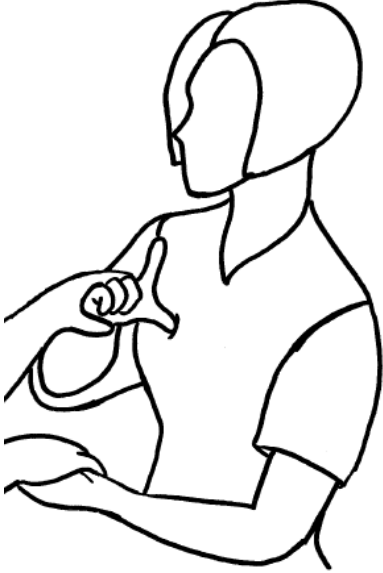
ORDEM	13	ENTRADA	FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS (FENEIS)
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵⁴			
			

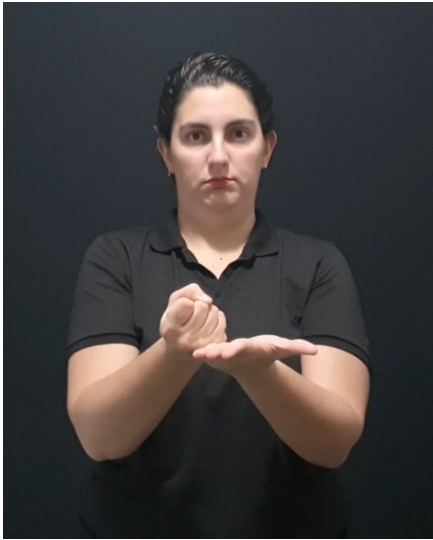


⁵⁴ <https://feneis.org.br/>

ORDEM	14	ENTRADA	GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵⁵			



⁵⁵ <http://grupobrasilsurdocegueira.org/>

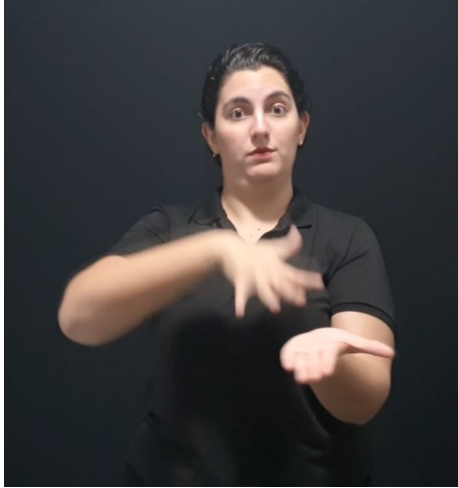


ORDEM	15	ENTRADA	GUIA-INTÉRPRETE
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO			
			

ORDEM	16	ENTRADA	GUIA-INTÉRPRETE COMUNITÁRIOS	AMBIENTES
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE	
				
ILUSTRAÇÃO ⁵⁶				
				




⁵⁶ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	17	ENTRADA	GUIA-INTÉRPRETE ARTISTICO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵⁷			
			




⁵⁷ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	18	ENTRADA	GUIA-INTÉRPRETE CONFERÊNCIA
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵⁸			
			

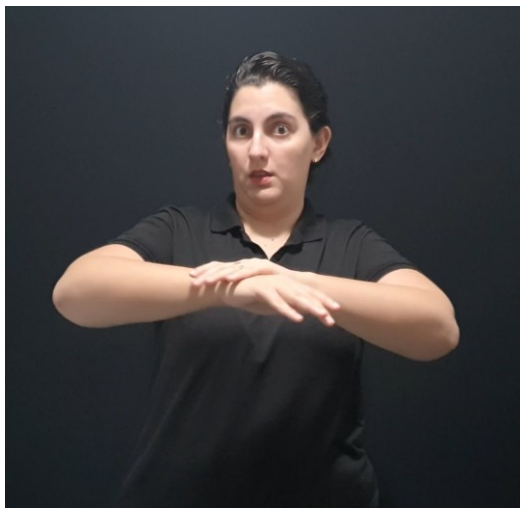

⁵⁸ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	19	ENTRADA	GUIA-TRADUTOR
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁵⁹			
			

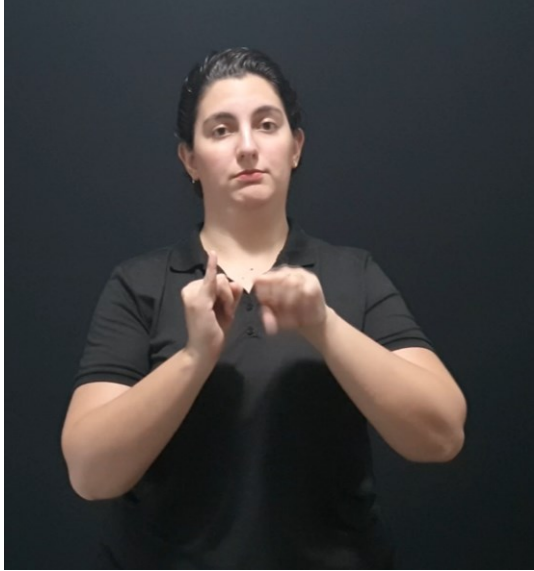

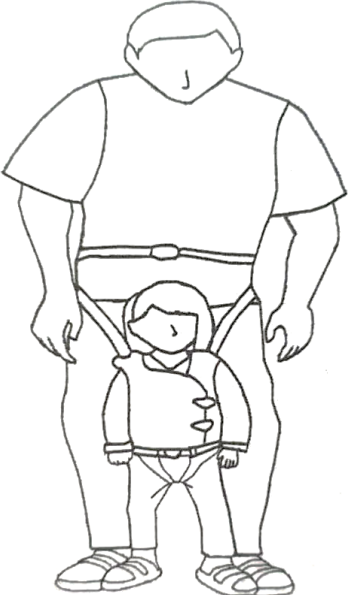
⁵⁹ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	20	ENTRADA	GUIA-VIDENTE
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁶⁰			
			

⁶⁰ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	21	ENTRADA	COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁶¹			
			

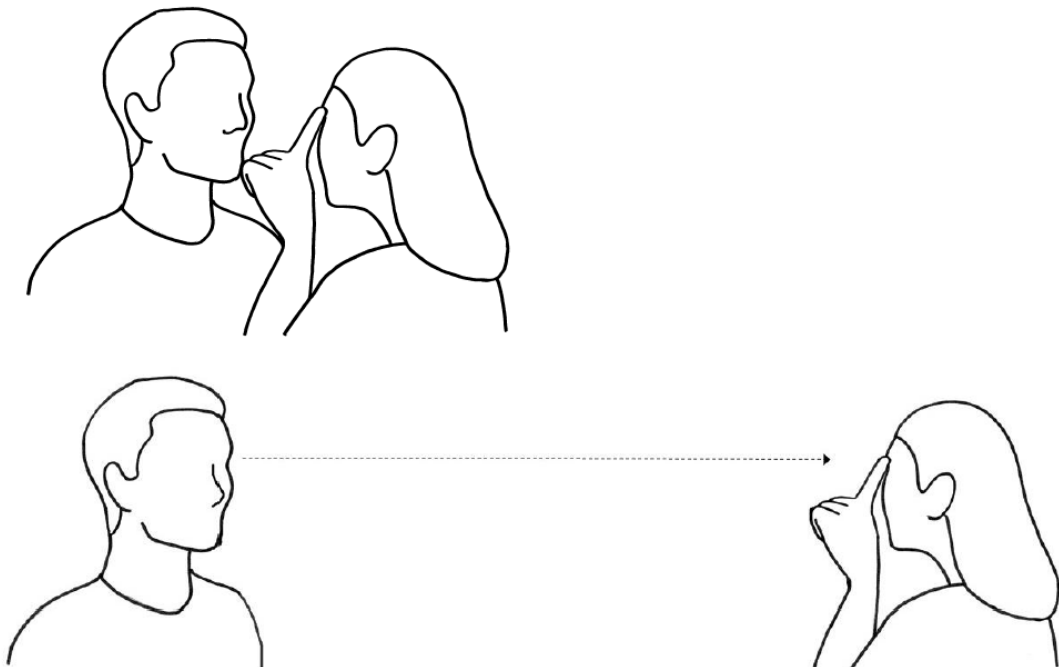
⁶¹ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	22	ENTRADA	INSTRUTOR MEDIADOR
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁶²			
			

⁶² Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	23	ENTRADA	LIBRAS EM CAMPO REDUZIDO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			

ILUSTRAÇÃO⁶³



⁶³ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	24	ENTRADA	LIBRAS TÁTIL
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			

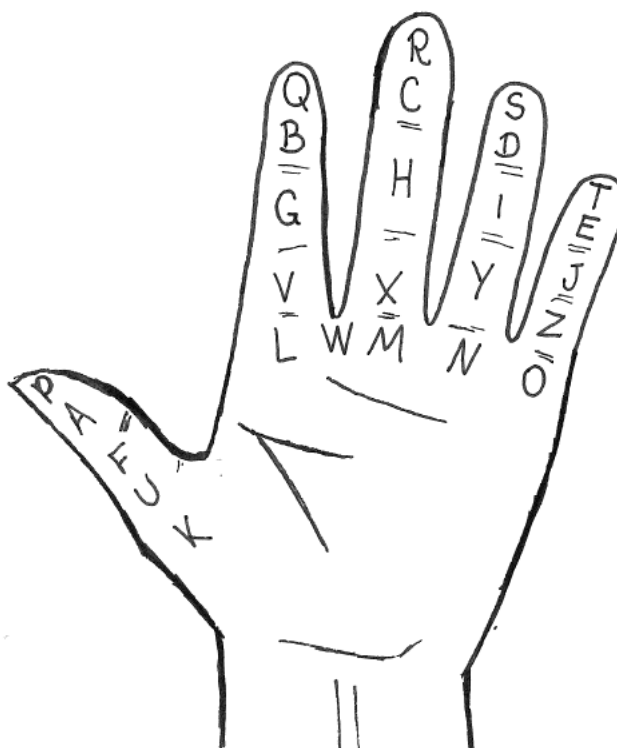
ILUSTRAÇÃO⁶⁴






⁶⁴ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	25	ENTRADA	SISTEMA MALOSSI
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			

ILUSTRAÇÃO⁶⁵



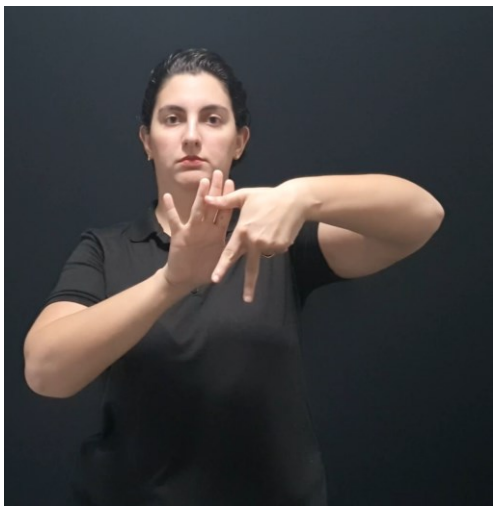


⁶⁵ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	26	ENTRADA	ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁶⁶			
			




⁶⁶ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	27	ENTRADA	PLACA DE COMUNICAÇÃO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁶⁷			
			

⁶⁷ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	28	ENTRADA	PÓS-TÁTIL
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁶⁸			
			

⁶⁸ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	29	ENTRADA	RETINOSE PIGMENTAR
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁶⁹			
			

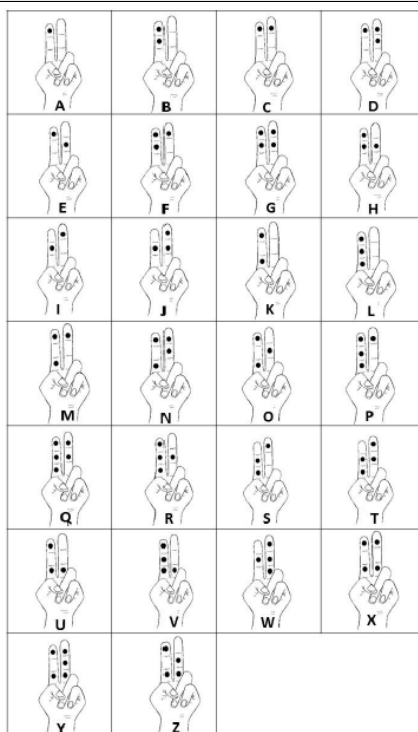
⁶⁹ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	30	ENTRADA	SÍNDROME DE USHER
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁷⁰			
 SÍNDROME DE USHER Brasil			

⁷⁰ <https://www.sindromedeusherbrasil.com.br/>

ORDEM	31	ENTRADA	SISTEMA BRAILLE MANUAL TÁTIL
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			

ILUSTRAÇÃO⁷¹



⁷¹ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	32	ENTRADA	SURDOCEGO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			

ILUSTRAÇÃO^{72 73}




⁷² https://scontent.fsdu11-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-9/121828341_3559431957454722_8907769247527278663_n.jpg?_nc_cat=109&ccb=1-3&_nc_sid=730e14&_nc_ohc=oYnfd84LAtAAX-i-dYf&_nc_oc=AQIW2-UMYwDMcXzU1C9ab6HRIRz14DdnB3U-oUQHR2RQn4kbc4x0GV9Uffesd_Z07dc&_nc_ht=scontent.fsdu11-1.fna&oh=860f568b0ed059b7dccb2ee7b99bbf8e&oe=609BE0EF

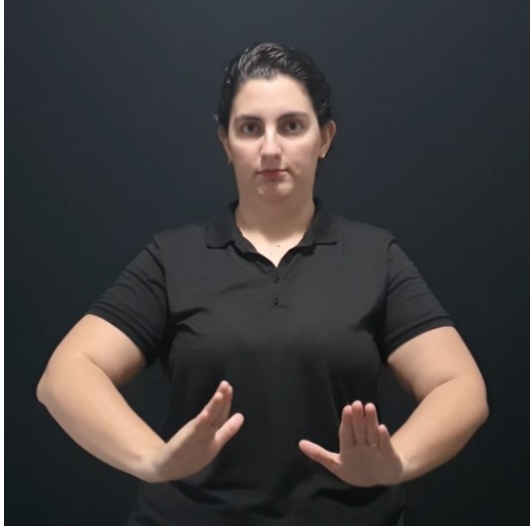
⁷³ https://scontent.fsdu11-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-9/36301759_1848216565235053_4027353518783332352_n.png?_nc_cat=106&ccb=1-3&_nc_sid=730e14&_nc_ohc=xulqrSoKg6QAX9Gi8cZ&_nc_ht=scontent.fsdu11-1.fna&oh=b94524534bde6e6496283847ded9425c&oe=609D8A1F

ORDEM	33	ENTRADA	SURDOCEGO COM BAIXA VISÃO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁷⁴			
			



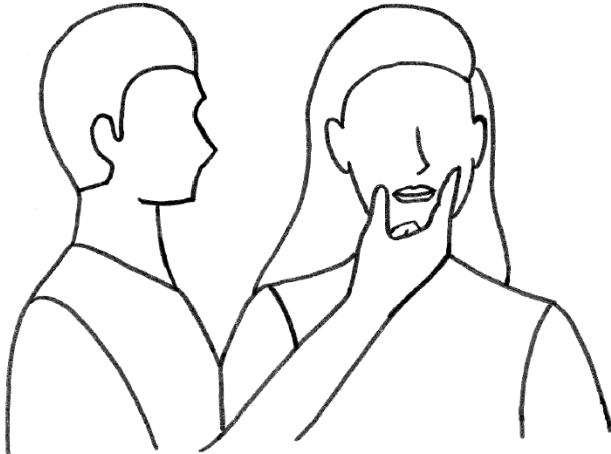
⁷⁴ <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/simbolo-de-baixa-visao.png>

ORDEM	34	ENTRADA	SURDOCEGO ADQUIRIDO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁷⁵			
			


⁷⁵ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	35	ENTRADA	SURDOCEGO CONGÊNITO
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁷⁶			
			

⁷⁶ A pesquisadora não localizou uma imagem que possa ser uma referência do termo.

ORDEM	36	ENTRADA	TADOMA
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁷⁷			
			

⁷⁷ Imagem do livro Prática de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoas com Surdocegueira

ORDEM	37	ENTRADA	TECNOLOGIA ASSISTIVA
ENTRADA e DEFINIÇÃO	LIBRAS		QR CODE
			
ILUSTRAÇÃO ⁷⁸			
			

Com as Fichas Terminológicas concluídas, passamos para o próximo passo que apresentaremos no capítulo seguinte: A proposta de glossário monolíngue para a formação de Guias – Intérpretes Surdos.

⁷⁸ <https://www.assespropr.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Assistivas.jpg>

CAPÍTULO 4

PROPOSTA DE GLOSSÁRIO MONOLÍNGUE PARA A FORMAÇÃO DE GUIAS-INTÉRPRETES SURDOS

Neste capítulo, apresentaremos a proposta do glossário, a partir da organização e registro das Fichas Terminológicas em Libras. Para tanto descrevemos a macroestrutura e microestrutura do glossário monolíngue de sinais–termo, que possibilitam a demonstração dos verbetes em Libras. Traremos a ideia de inovação para glossário monolíngue pelo uso do QR Code, como instrumento e interação do surdo ao meio acadêmico. Por fim, em meio digital, apresentamos o Glossário monolíngue de sinais-termo da área da guia-interpretação: uma proposta para a formação do Guia-Intérprete Surdo.

4.1 APRESENTAÇÃO DA MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO MONOLÍNGUE DE SINAIS–TERMO

A macroestrutura do Glossário monolíngue de sinais-termo da área da guia-interpretação traz as informações gerais da obra. Segundo Faulstich (1998, p.3) “A macroestrutura é também chamada de paralexiconografia, porque compõe o aparato de ordenação do texto”. A ordenação do glossário com as informações da macroestrutura é apresentada para o consulente por meio de lâminas do programa Power Point – PPT.

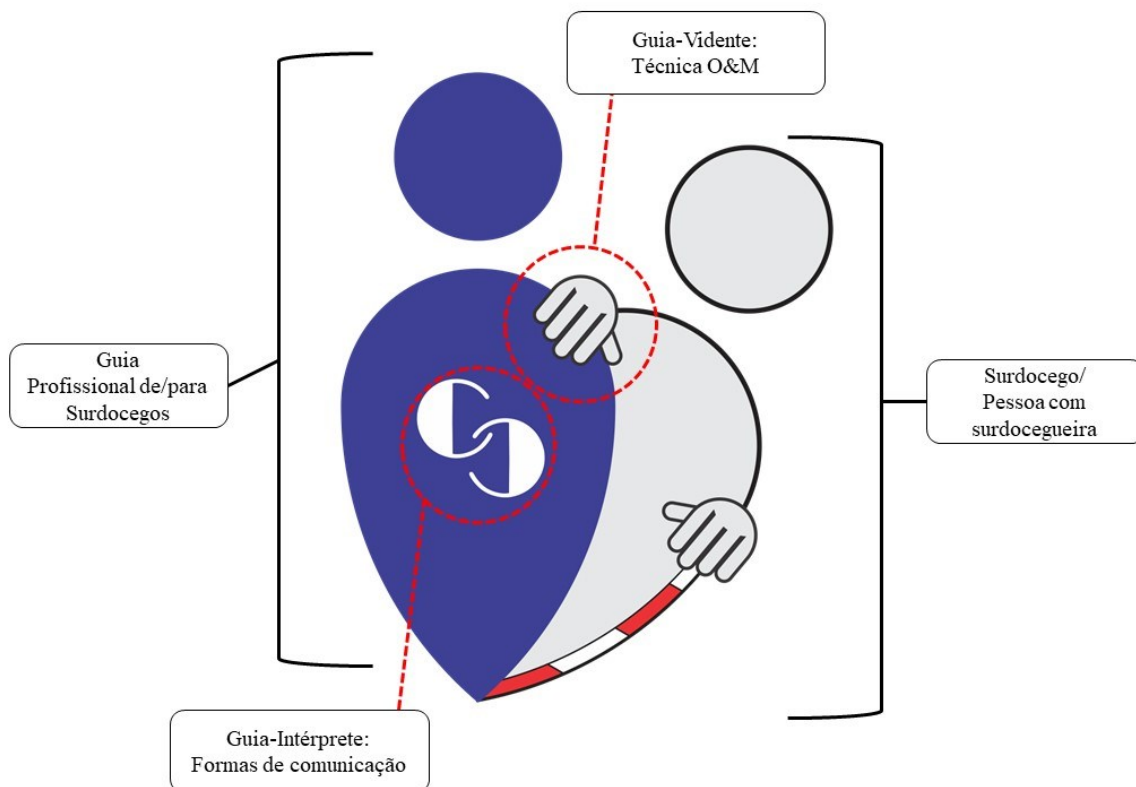
Figura 69: Lâmina com Apresentação do Glossário em Libras




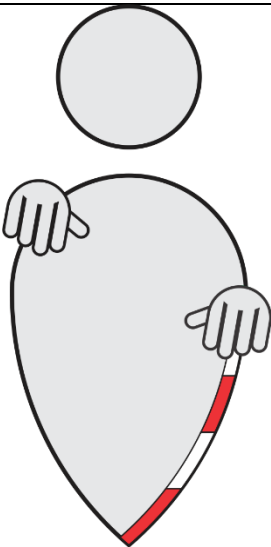

Na primeira lâmina, aparecem em Língua de Sinais e em Língua Portuguesa o título do glossário e a logo, adotada pela própria pesquisadora, desenvolvida pelo arquiteto e comunicador Ademar Júnior. Destacamos que a logo representa os Glossários de Sinais-Termo desenvolvidos no laboratório de LSB da Universidade de Brasília. Portanto o nosso glossário é um novo material no banco de dados da UnB.

Explicando como é o logotipo:

Figura 02: Apresentação do logo



Descrição de logotipo na tabela abaixo:

Desenho	Descrição
	<p>Formato de pessoa, designando GUIA-PROFISSIONAL (contemplando guia-intérprete, guia-vidente, guia-tradutor e instrutor-mediador), tendo em vista as suas várias formas de comunicação e tecnologias assistivas. O sinal COMUNICAÇÃO está escrito em <i>signwriting</i>.</p>
	<p>Formato de pessoa, designando indivíduo com Surdocegueira ou Pessoa Surdocega, geralmente identificada pelo símbolo da sua condição única: bengala com listras vermelha e branca.</p>
	<p>Ligação entre Guia-Profissional e pessoa surdocega remonta ao Guia-vidente, com técnica de Orientação e Mobilidade, identificada pelo contato no ombro do guia, que fica em frente.</p>

Fonte: MAKHOUL, 2021⁷⁹

⁷⁹ Própria Autora

A figura 03 apresenta informações sobre a estrutura de elaboração e uso do Glossário.

Figura 03: Apresentação da Macroestrutura do Glossário



Fonte: MAKHOUL (2021)

A primeira informação é o objetivo, que consiste em disponibilizar um glossário monolíngue de sinais-termo e termos da área da guia-interpretação. A segunda informação é o público-alvo, apresentando que são guias-intérpretes surdos prioritariamente, podendo atender a demais profissionais que atuem com as pessoas surdocegas e/ou na área de surdocegueira, e demais interessados.

A terceira informação indica como usar o glossário. O sistema tem a única forma em língua portuguesa, por ordem alfabética. Também é disponibilizado na forma de palavra-chave, tipo *hashtag* (#), no sistema de busca dos navegadores.

4.2 MICROESTRUTURA

O que é glossário monolíngue? São “Obras monolíngues apresentam os termos e seus conceitos/definições em apenas uma língua” (Martins, 2018). Cabe destacar a sua importância para a compreensão pelos Surdos que desejem trilhar no mercado da área de surdocegueira.

Por fim, apresentamos abaixo a proposta do glossário que foi a origem da

organização desta pesquisa.

PROPOSTA DE GLOSSÁRIO MONOLÍNGUE
FORMAÇÃO GUIA-INTÉRPRETE SURDO

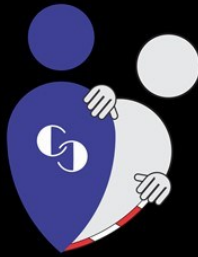


GLOSSÁRIO MONOLÍNGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOCEGOS E MÚLTIPLOS DEFICIENTES SENSORIAIS (ABRAPASCEM)



Ivonne Azevedo Makhoul

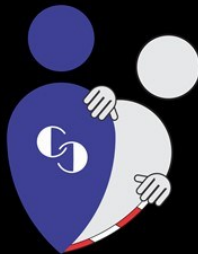


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SURDOCEGOS (ABRASC)



Ivonne Azevedo Makhoul

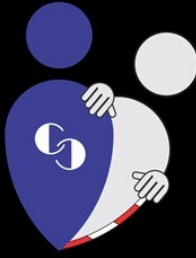


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL PARA MÚLTIPLA DEFICIÊNCIA (AHIMSA)

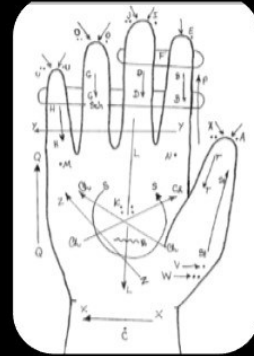


Ivonne Azevedo Makhoul

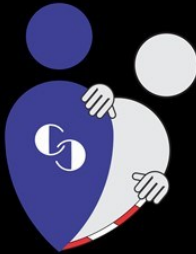


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SISTEMA LORM



Ivonne Azevedo Makhoul

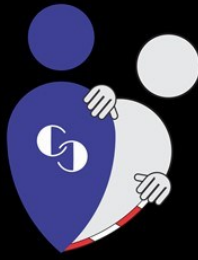


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ALFABETO MANUAL COM DUAS MÃOS



Ivonne Azevedo Makhoul

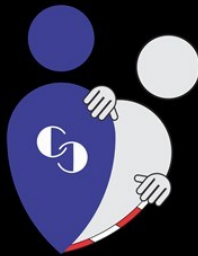


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ALFABETO MANUAL TÁTIL



Ivonne Azevedo Makhoul

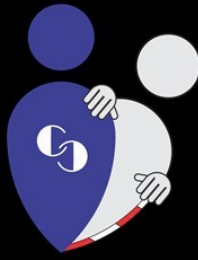


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

BRILISTA

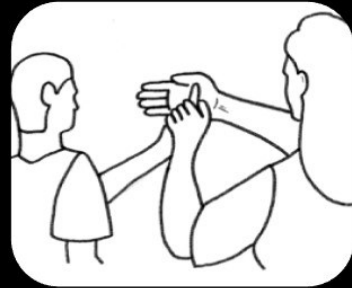


Ivonne Azevedo Makhoul

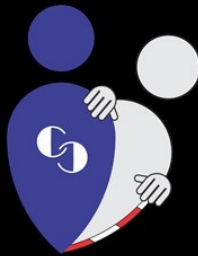


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

USO DE DEDO COMO LAPÍIS



Ivonne Azevedo Makhoul

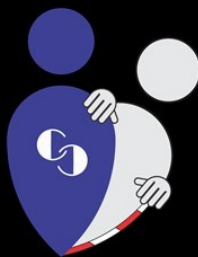


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ESCRITA AMPLIADA

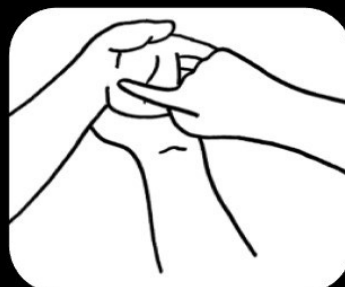


Ivonne Azevedo Makhoul

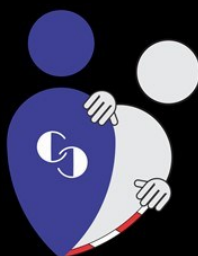


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ESCRITA NA PALMA DA MÃO



Ivonne Azevedo Makhoul

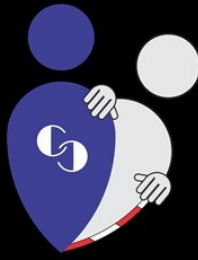


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

FALA AMPLIADA



Ivonne Azevedo Makhoul

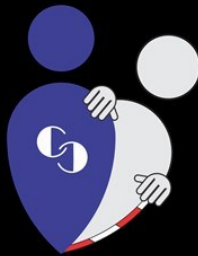


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA-INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE
SINAIS (FEBRAPILS)



Ivonne Azevedo Makhoul

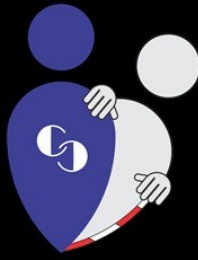


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS
SURDOS (FENEIS)



Ivonne Azevedo Makhoul

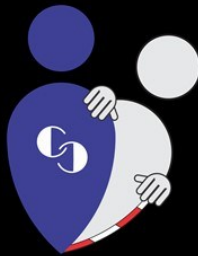


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL



Ivonne Azevedo Makhoul

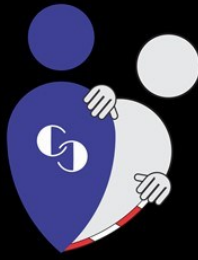


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

GUIA-INTÉRPRETE



Ivonne Azevedo Makhoul

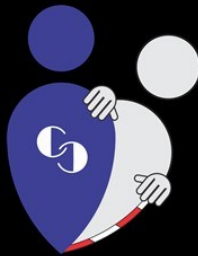


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

GUIA-INTÉRPRETE AMBIENTES COMUNITÁRIOS



Ivonne Azevedo Makhoul

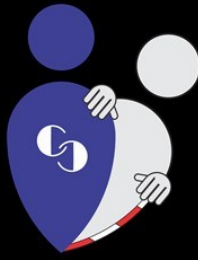


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

GUIA-INTÉRPRETE ARTÍSTICO



Ivonne Azevedo Makhoul

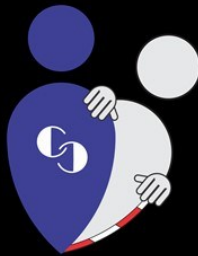


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

GUIA-INTÉRPRETE CONFERÊNCIA



Ivonne Azevedo Makhoul

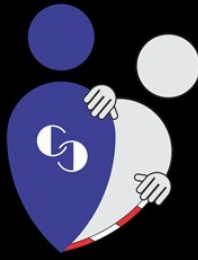


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

GUIA-TRADUTOR



Ivonne Azevedo Makhoul

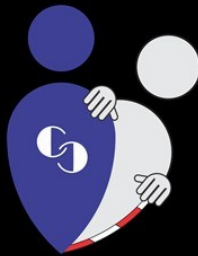


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

GUIA-VIDENTE



Ivonne Azevedo Makhoul

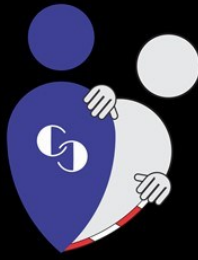


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

COMUNICAÇÃO SOCIAL HAPTICA



Ivonne Azevedo Makhoul

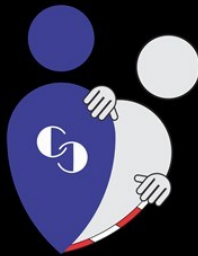


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

INSTRUTOR MEDIADOR

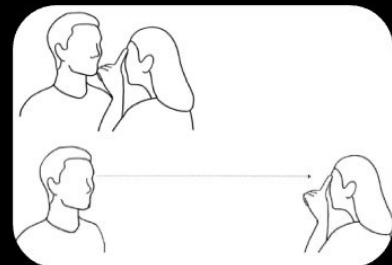
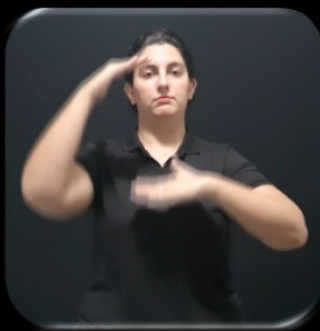


Ivonne Azevedo Makhoul

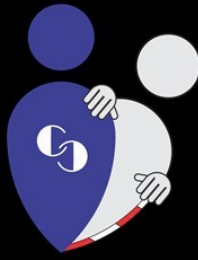


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

LIBRAS EM CAMPO REDUZIDO



Ivonne Azevedo Makhoul

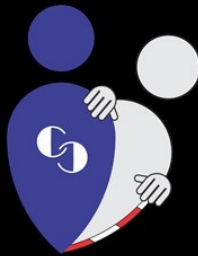


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

LIBRAS TÁTIL



Ivonne Azevedo Makhoul

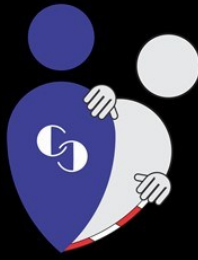


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SISTEMA MALOSSI



Ivonne Azevedo Makhoul

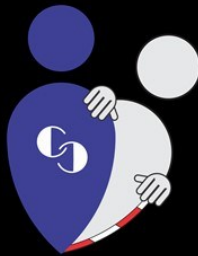


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE



Ivonne Azevedo Makhoul

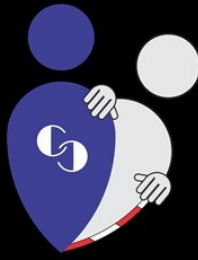


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

PLACA DE COMUNICAÇÃO



Ivonne Azevedo Makhoul

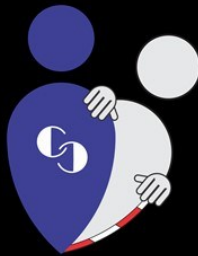


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

PÓS-TÁTIL



Ivonne Azevedo Makhoul

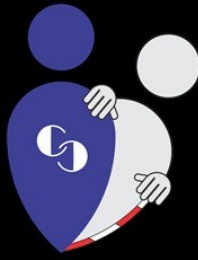


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

RETINOSE PIGMENTAR



Ivonne Azevedo Makhoul

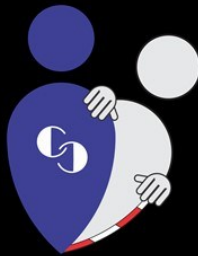


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SÍNDROME DE USHER

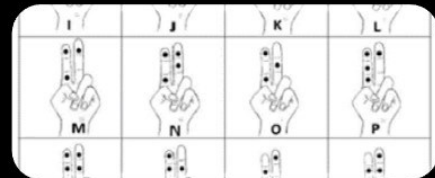


Ivonne Azevedo Makhoul

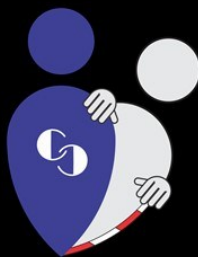


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SISTEMA BRAILLE MANUAL TÁTIL



Ivonne Azevedo Makhoul

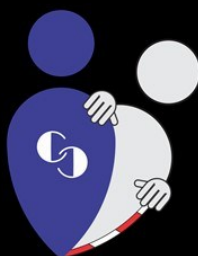


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SURDOCEGO



Ivonne Azevedo Makhoul

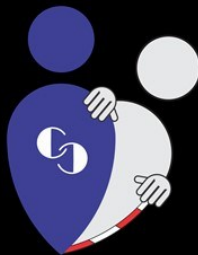


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SURDOCEGO COM BAIXA VISÃO



Ivonne Azevedo Makhoul

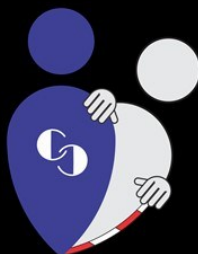


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SURDOCEGO PÓS-LINGUÍSTICO



Ivonne Azevedo Makhoul

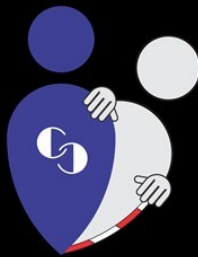


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

SURDOCEGO PRÉ-LINGUÍSTICO

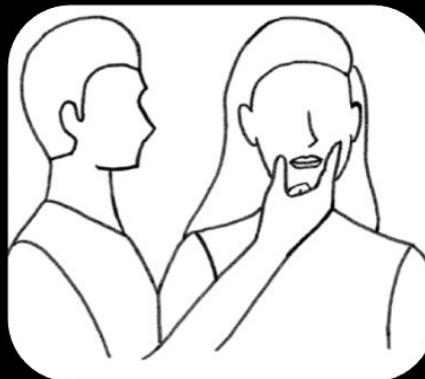


Ivonne Azevedo Makhoul

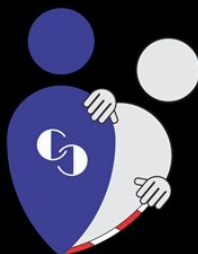


GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

TADOMA



Ivonne Azevedo Makhoul



GLOSSÁRIO MONOLINGUE DE SINAIS-TERMO DE ÁREA DE GUIA-INTERPRÉTE

TECNOLOGIA ASSISTIVA



Ivonne Azevedo Makhoul

A apresentação do glossário visa constituir um material informativo e pedagógico de formação de GI e também para conhecimento do surdocego. Para tanto, além do trabalho feito com base no convívio com a comunidade, foi preciso também identificar e registrar as

regras utilizadas para tornar possível o glossário acima. Como podem perceber, o fundo da imagem e dos vídeos diferenciam-se do padrão “azul” e “verde” comumente utilizados em vídeos que envolvem Língua de Sinais.

Neste trabalho, além do glossário apresentamos também a importância do uso do fundo negro, como forma de acesso aos surdocegos. Para deixar mais claro e didático, organizamos dois quadros com as regras que consideramos básicas e, ao mesmo tempo, primordiais para a realização de gravações de mídias audiovisuais com acessibilidade para surdocegos.

Essa ideia também foi considerada de forma inicial por Silva (2019), que destaca a necessidade de registro em Libras videossinalizada, “O texto em Libras videossinalizada refere-se ao uso da Libras gravada em vídeo sendo que o sinalizante estabelece uma relação com a câmera, com ou sem emprego de recursos multimodais.”

Tendo por base essa escrita, se faz necessário pensar quais seriam as regras no campo das gravações para tornar o material acessível para surdocegos. Pensando nisso, esboçamos duas regras que consideramos ideais e que podem ser percebidas em *lives* em que estão presentes surdocegos como palestrantes ou participantes. Abaixo, duas regras que consideramos ser de grande importância:

Regra um: Bilingue
<ul style="list-style-type: none"> ● É obrigatório o uso de Libras escrita com CAIXA ALTA. <p>Recomendações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Falar devagar em Libras; ○ Soletrar datilologia devagar e com posição certa; ○ Legendar com CAIXA ALTA após vídeo, cuja cor deve contrastar com o fundo; ○ Escrever com CAIXA ALTA no máximo três linhas.
Regra dois: Iluminação e Vestuário
<ul style="list-style-type: none"> ● Os vídeos devem ser gravados em ambiente com bastante iluminação, preferencialmente na frente de uma janela ou próximo a uma luz bastante clara com fundo PRETO ou AZUL MARINHO ou ESCURO. ● Para facilitar a visualização da Libras: <ul style="list-style-type: none"> ○ Pessoas de PELE CLARA: devem vestir camisetas de cor preta ou azul-marinho ou outra cor escura.

- Pessoas de PELE ESCURA: devem vestir camisetas de cor branca ou cinza clara ou bege.
- Os vídeos devem ser capturados sempre na horizontal e nunca na vertical.

Após a apresentação das regras e do glossário, consideramos que a parte de percurso metodológico, análise dos dados e apresentação do glossário monolíngue para Guias-intérpretes surdos foram alcançados. A seguir, estão nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir a proposta deste mestrado, lembramos as questões levantadas na introdução: há formação de Guias-Intérpretes no âmbito acadêmico no Brasil? Quais materiais de apoio para formação do guia e o que os livros e cursos oferecem? Quais os termos e quais processos de tradução e interpretação o GI utiliza no âmbito da guia- interpretação? Existem materiais em Libras, ou na forma de DVD, ou em redes sociais, ou apostilas escritas em sinais para compartilhar com Surdos que desejem, no futuro, atuar como GI ? Como se dá o encaminhamento de interessados Surdos para os cursos de formação? Como motivá-los? Como disponibilizar o glossário aos profissionais Surdos, para oferecer informação e formação para GI na comunicação com surdocegos?

Observamos que há formação como curso livre no âmbito de entidade sem fim lucrativo, carecendo maior formalização junto às instituições de ensino, seja técnico ou superior. Ressaltamos que o público-alvo é ouvinte, marginalizando os interessados Surdos que desejem atuar como profissional na área de surdocegueira. O material didático é escasso, não sendo disponibilizado publicamente. Os termos são encontrados frequentemente na língua portuguesa, nos livros, nas apostilas, porém pecam na transmissão em Libras. O processo tradutório para Libras é mais destacado no livro de Araújo (2019). Há gritante necessidade de aprofundamento nas estratégias comunicativas em Libras para surdocegos pós-linguísticos e/ou adquiridos. Para adequado encaminhamento de interessados surdos para os cursos de formação como profissional na área de surdocegueira, seria interessante uma parceria entre uma entidade representativa da comunidade Surda com uma instituição de ensino, preferencialmente técnica ou superior. Visando dar mais publicidade do conhecimento específico ao profissional na área de surdocegueira, a pretensão deste mestrado é disponibilizar publicamente o glossário através de YouTube e das redes sociais.

Os pontos levantados no capítulo 1 são: qual o espaço dessa formação? Seria um curso técnico, tecnólogo ou de graduação? Seria apenas uma especialização? Também precisamos pensar em quem ministra esses cursos? Qual a formação de um professor que irá atuar no ensino de futuros Guias-Intérpretes sejam Surdos ou não-surdos? E para deixar mais claro o tamanho da lacuna podemos pensar em que material didático, que publicações e que pesquisas têm foco na atuação do GI? Até o momento, livros e artigos focam no Surdocego, que também consideramos de grande importância, mas não é a formação que o GI deve ter. Assim, fica evidente que há ainda um campo de estudo amplo a ser aprofundado. Esta

pesquisa pretende contribuir para ser um apoio inicial para novas pesquisas.

As questões suscitadas no capítulo 2 são: seria uma construção de tradução do modo visuoespacial para o háptico? Ou seria uma nova construção, um novo signo linguístico, um novo pensamento de tradução e interpretação que o Guia-Intérprete, no caso desta pesquisa Surdo, deve possuir? Como este mestrado não finda futuras pesquisas, cumpre esclarecer que essa construção é peculiar, por ser nova modalidade intralingual de transmissão em que o profissional, enquanto intermediário, deve realçar o sentido de visão para minimizar a incompletude das informações para o indivíduo surdocego. A pretensão desta autora é dar continuidade à pesquisa em que possa explicitar os conteúdos adequados para cada profissional da área de surdocegueira aos interessados Surdos que queiram trabalhar e atuar com Surdocegos, dando-lhes mais opções no mercado de trabalho. Primamos pela facilitação de transmissão de conhecimento para melhor suporte ao Guia-Intérprete Surdo, sem desconsiderar demais profissionais atuantes na área de surdocegueira, e melhor atendimento à comunidade surdocega. Portanto, havendo discordância, naturalmente considerando a diversidade, que seja resolvida de forma pacífica.

Mediante a diversidade de definições para os sinais-termo durante a metodologia adotada, mesmo após a validação dos mesmos, cabe expor a falta de unicidade devido ao sistema fechado das entidades que ministram os cursos, além de serem dirigidos somente pelos e para ouvintes. Mesmo tendo discentes surdos, ainda há a sensação de restrição de transmissão de conhecimento, seja da área ou de social.

Apesar de toda a pesquisa, conceitos claros, que estão presentes no dia-a-dia da atuação do GI continuam sem uma marca de construção conceitual que possa ser ensinada como forma comum. É o caso do termo Guia-vidente. Seu uso, sua postura, sua atuação não são registradas em nenhum campo. Esse profissional não está apenas nos estudos da tradução, não está somente na educação e não está na linguística. Onde formar esse profissional? Qual o seu real papel? São perguntas que tentamos, mas não obtivemos onde essa formação pode ser feita.

Outro grande questionamento é sobre a formação acadêmica do Guia-Intérprete. Onde esse profissional poderá receber o conhecimento necessário para a sua atuação? Qual o currículo que deve ser desenhado de forma distinta de um Tradutor Intérprete de Língua de Sinais – TILS? Vejamos o exemplo do conhecimento para atuar com a Fala Ampliada e o Tadoma. Seria uma disciplina única a ser ensinada? Em que espaço esse conteúdo deve ser registrado? Seria na tradução, na interpretação, na educação ou em um campo específico? Como o profissional que se constitui nos Estudos da Tradução tem contato com o Braille

Tátil e com a Escrita Ampliada? Seriam os docentes que atuam com o ensino de Libras nos espaços acadêmicos a dominarem esses conceitos e metodologias de ensino da Libras Tátil, Libras em campo reduzido ou alfabeto datilológico tátil?

Confesso que saio desse mestrado ainda com todas essas dúvidas e questionamentos que já me levam a uma necessidade contínua de seguir para um doutorado. No entanto, há o pensamento de onde estudar esses campos e essas teorias. Será que no doutorado acharemos um novo campo da Guia-Interpretação a emergir dos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais?

Dessa forma, a partir deste tema de glossário monolíngue, aspirando à contínua pesquisa na forma da tese de doutorado, sem findar o assunto, o posicionamento da autora como Guia-Intérprete Surda é que esta dissertação seja referência no âmbito dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação, visando à unidade da comunicação entre os Surdocegos e diversos agentes da área de surdocegueira, considerando o tamanho do Brasil e suas inúmeras variações linguísticas.

Concluindo, com essa ferramenta de glossário monolíngue, sempre em constante dinâmica, propõe-se a discriminação de Guia-Profissional para/de/com surdocegos (guia-intérprete, guia-vidente, instrutor-mediador e guia-tradutor), contrastando esses agentes Surdos na área de surdocegueira, visando facilitar a compreensão de suas funções/responsabilidades assim como a sua adequada formação, para melhor atendimento à clientela surdocega. Propicia assim a ampliação do mercado de trabalho para nossos iguais Surdos-Surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, Neiva. **Libras em estudo: tradução/interpretação** / Neiva de Aquino Albres e Vânia de Aquino Albres Santiago (organizadoras). – São Paulo: FENEIS, 2012. 219 p.: 21cm – (Série Pesquisas)

ALMEIDA, C. A. F. **A comunicação entre membros de uma comunidade de surdos e surdocegos de Prata (MG)**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade de Brasília - Brasília, 2004.

ANDRADE, B. L. L'A. de. **Estudo terminológico em língua de sinais: Glossário multilíngue de sinais - termo na área de nutrição e alimentação**. Tese de Doutorado em Estudos de Tradução, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2018

ARAÚJO, Hélio Fonseca de. **Práticas de Interpretação Tátil e Comunicação Háptica para pessoa com Surdocegueira** - 1 ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Câmara dos deputados**, Brasília, DF. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2000/lei-10098-19-dezembro-2000-377651-publicacaooriginal-1-pl.html>> ou <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Poder Legislativo**, Brasília, DF. Disponível em: < <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal= 1 & pagina= 1 & data=02/09/2010>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Casa Civil**, Brasília, DF. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm >. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Secretária-Geral**, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 2.977, de 08 de julho de 2015. Aprova o Plano Estadual de Educação do Tocantins – PEE/TO (2015-2025), e adota outras providências. **Governador do Estado de Tocantins**, TO. Disponível em: < <https://central3.to.gov.br/arquivo/412369/>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. Projeto de Lei nº 6.949, de 2017. Dispõe sobre o exercício profissional e condições

de trabalho do profissional tradutor, Guia-Intérprete e intérprete de Libras. Câmara dos Deputados, Brasília, DF. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=3AFA8614012CDADA9EBA896EC6CAF040.proposicoesWebExterno1?codteor=1801612&filename=Avulso+-PL+9382/2017>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 2.629, de 05 de agosto de 2019. “Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e Dispõe sobre o exercício profissional e condições de trabalho do profissional tradutor, Guia-Intérprete e intérprete de Libras. Prefeitura do Município, Porto Velho, RO. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/leis/originais/porto_velho-ro/2019/ord-2629-2019-porto_velho-ro.pdf?X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAI4GGM64DHHZJ3HAA%2F20200830%2Fsa-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20200830T011518Z&X-Amz-Expires=900&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=6645882f364e07a16b50fa4819ed8cc5f146d9a093eceab4c3e1b76d4d87ed80>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. **Casa Civil**, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da Inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização: Surdocegueira / múltipla deficiência sensorial**. 2. Ed. ver. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdocegueira.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 4, de 02 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. **Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação**, Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R da. **Descobrimo a surdocegueira: educação e comunicação**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

CAMBRUZZI, R. C. S. **Surdocegueira: Níveis e Formas de Comunicação**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

CARILLO, E. F. P. **Análise das entrevistas de quatro surdocegos adquiridos sobre a importância do guia-intérprete no processo de comunicação e mobilidade**. Dissertação de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie-São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp100131.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Varição Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

_____. **Projeto Varlibras**. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

COLLINS, S. D. **Adverbial Morphemes In Tactile American Sign Language**. Tese de Doutorado em Filosofia em Estudos Interdisciplinar, 2004. Disponível em: < https://www.gallaudet.edu/Documents/Steven%20Collins_ADVERBIAL%20MORPHEMES%20IN%20TACTILE%20AMERICAN%20SIGN%20LANGUAGE.pdf >. Acesso em: 10 abr. 2021.

_____. **Interpreting with Deaf-Blind People – General**. National Task Force on Deaf-Blind Interpreting, 2010. Disponível em: < <https://www.nationaldb.org/>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade de Brasília - Brasília, 2012. Disponível em: < https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13558/1/2012_MessiasRamosCosta.pdf >. Acesso em: 10 mar. 2021

_____, M. R. **Enciclolibras: Produção Sistematizada De Sinais-Termo Em Língua De Sinais Brasileira Em Novos Eixos Temáticos: LSB E LGP ("Proposta Enciclopédica: Enciclosigno Em Contexto")**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília - Brasília, 2020. Disponível em: < https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40676/1/2021_MessiasRamosCosta.pdf >. Acesso em: 01 maio 2021

CHIAVENATO, I. **Administração: teoria, processo e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007

EQUIPE DE ELABORAÇÃO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Montes Claros: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <http://documento.ifnmg.edu.br/action.php?kt_path_info=ktcore.actions.document.view&documentId=20757>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FAULSTICH, E. **Redes de remissivas em um glossário técnico**. In: **Léxico e Terminologia (Coletânea de Textos)**. Universidade de Brasília, 1993, p. 174-184.

_____. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. Brasília, v.24, n.3, p.281-288, 1995

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação**. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.

_____. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. *Ciência da Informação* (artigos), [S.I.: s.n.], vol. 24, nº 3, 1995b.

_____. **Spécificités linguistiques de la lexicologie et de la terminologie: nature épistémologique**. *Meta: Journal des Traducteurs*, Montreal, v. 41, n. 2, p. 237- 246, 1996

_____. **Da linguística histórica à terminologia**. *Investigações* (UFPE. Impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

_____. **Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista**. TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001.

_____. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários**. Brasília: 2001. LIV/UnB/ Centro LexTerm, 2001.

_____. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M.M. Lima (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. cap. 6. GO: Cãnone, 2007, p.119-142.

_____. **A Terminologia na Universidade de Brasília**. Terminômetro, p.13-15, 1998. Número Especial Terminologia no Brasil. Disponível em: <http://www.termilat.info/public/env682.rtf> Acesso em: 30 set. 2008.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et alli (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida** – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

_____. **Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica**. Organon, Porto Alegre, 2011, v.25, n. 50, p. 181-220.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ISQUERDO, A. N; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, Vol. VII. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

_____. **Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilingue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - MEC/SECADI – 2014**.

_____. Nota lexical (2012). Disponível em: www.centrolexterm.com.br Acesso em 11 de setembro de 2015.

_____. Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais. In: ISQUERDO, A. N.; dal CORNO, G. O.M. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, volume VIII, 2016, 13p.

_____. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na língua de sinais brasileira. In: **Léxico e suas Interfaces: Descrição, Reflexão e Ensino**. 1. ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2016.

_____. Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da Lexicologia. In: **Série Léxico & Terminologia**. Brasília: Centro Lexterm, Universidade de Brasília, inédito, 2013b.

_____. **Efeitos da (nova) ortografia no léxico do português: mecanismos gramaticais na grafia de algumas palavras e resultados no uso**. In: LOBO, Tania et al. (Orgs.). (Org.). ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 363-379

FEBRAPILS. **Tabela de Honorários**, 2017. Página Inicial. Disponível em: <http://febrapils.org.br/tabela-de-honorarios/>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FEBRAPILS. **Nota técnica sobre a atuação do tradutor, intérprete e Guia-Intérprete de**

libras e língua portuguesa em materiais audiovisuais televisivos e virtuais, 2008. Documentos. Disponível em: <<http://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2017/07/nota-cnica-febrapils-feneis-materiais-audiovisuais.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020

FERREIRA, J. G. D. **Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngua Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras**. Dissertação de Mestrado em Estudos de Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214607>> Acesso em: 10 mar. 2021

FLICK, **A Introdução à Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2010. Apostila

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, SP v.35, n.2, p. 57- 63, 1995

INSTITUTO ITARD. **Curso de Guia Intérprete de LIBRAS (Surdocegueira)**. Extensão Universitária. Disponível em: <<https://institutoitard.com.br/produto/curso-de-interprete-de-libras-tils-tradutor-interprete-de-lingua-de-sinais-80-horas-copia/>>. Acesso em 20 abr. 2020.

MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras: Coleta e registro de sinais-termo da área de Psicologia**. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

_____. Reflexões Sobre Componentes e Organização de Entradas de Obras Lexicográficas e Terminológicas da Libras. In: **Revista Espaço**. 49. ed. Rio de Janeiro/RJ: INES, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj1iM7c1Y3xAhXzq5UCHbK6C-YQFjAMegQIFxAE&url=https%3A%2F%2Fwww.ines.gov.br%2Fseer%2Findex.php%2Frevista-espaco%2Farticle%2Fdownload%2F427%2Fpdf&usq=AOvVaw3mnQaMZAnPbFCq_7hmUYEQ>. Acesso em 9 jun. 2021.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibílingue do meio ambiente, em mídia digital**. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

JORNAL DA AME. **Especial Surdocegueira**, 2002. Edição nº 34. Disponível em: <<http://www.ame-sp.org.br/noticias/jornal/novas/tejornal14.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

PROMETI, R. D. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira: Criação de sinais dos**

termos da música. Dissertação de Mestrado em Linguística – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2013.

PROMETI, R. D. **Terminologia Da Língua De Sinais Brasileira: Léxico Visual Bilíngue Dos Sinais-Termo Musicais – Um Estudo Contrastivo**, Tese de Doutorado em Linguística – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2020.

PORSINAL. **Libras em estudo: tradução/interpretação**, 2012. Artigos Científicos. Disponível em: <[http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos & idt= artc & cat= 16 & idart=107](http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=16&idart=107)>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PORSINAL. **III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina**, 2012. Artigos Científicos. Disponível em: < [http://www.porsinal.pt/index.php?ps= artigos & idt= artc & cat= 16 & idart=182](http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=16&idart=182)>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RODRIGUES, Carlos e BEER, Hanna. **Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas De Sinais: Novo Campo Disciplinar Emergente?** Cadernos de Tradução. Florianópolis. V. 35. nº especial 2, p.17-45. Jul-DEZ, 2015.

SANTOS, E. C. P. dos. **TERMINOLOGIA, TRADUÇÃO E LIBRAS: ALGUNS CAMINHOS PARA PESQUISAS**. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.8, 2018. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/transversal/article/download/40070/95885/> >. Acesso em: 1 mar. 2021.

SILVA, R. C. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2019. Disponível em: < [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214869/PLLG0782-D.pdf?sequence=-1 & isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214869/PLLG0782-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y) >. Acesso em: 11 abr. 2021.

TUXI, P. **A Terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília-Brasília, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ESPÍRITO SANTO. **Currículo do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS**, 2014. Disponível em: <http://www.lettras.ufes.br/sites/lettras.ufes.br/files/field/anexo/lista_disciplinas_libras.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português**, 2014. Disponível em: <http://www.lettras.ufes.br/sites/lettras.ufes.br/files/field/anexo/lista_disciplinas_libras.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO DE JANEIRO. **Currículo do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS**, 2013. Disponível em: <https://www.portal.lettras.ufrj.br/images/Graduacao/Projeto_Pedagogico_Letras-UFRJ-

BACHARELADO.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE DO SUL. **Currículo do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS**, 2013. Disponível em: <[https://www1.ufrgs.br/Graduacao/xInformacoesAcademicas/curriculo.php?CodHabilitacao=47 & CodCurriculo= 150 & sem=2018022](https://www1.ufrgs.br/Graduacao/xInformacoesAcademicas/curriculo.php?CodHabilitacao=47&CodCurriculo=150&sem=2018022)>. Acesso em: 27 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Currículo do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS**. Disponível em: <[http://ufr.br/libras/index.php?option=com_phocadownload & view= category & download=61: ppp & id=10: downloads & Itemid=314](http://ufr.br/libras/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=61:ppp&id=10:downloads&Itemid=314)>. Acesso em: 27 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Currículo do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS**, 2015. Disponível em: <http://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/traducao-e-interpretacao-em-lingua-brasileira-de-sinais/PPC_BACHARELADO_TRADUCAO_INTERPRETACAO_LIBRAS_ATUALIZAO_2016.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Currículo do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS**, 2008. Disponível em: <[http://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso= 715 & curriculo=20082](http://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=715&curriculo=20082)>. Acesso em: 27 ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Currículo do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS**, 2012. Disponível em: <[http://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso= 441 & curriculo=20121](http://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=441&curriculo=20121)>. Acesso em: 27 ago. 2020.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de São Paulo – São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062017-112304/publico/DALVA_ROSA_WATANABE_rev.pdf> Acesso em: 10 mar. 2021

ANEXOS

Anexo A

1º Curso - Ano de 1999

Nome do Curso: **Capacitação dos Guias-Intérpretes empíricos para pessoas com surdocegueira.**

Local: São Caetano do Sul, São Paulo, 25 a 30 de Outubro de 1999.

Ministrado por: María Margarita Rodriguez Plazas - Consultora especialista em Guia- interpretação. Duração: 48 horas.

Apresentação da capacitação: Objetivos e estrutura

Indivíduo Surdocego

- Definição de surdocegueira
- Caracterização da população com surdocegueira
- Classificação da população com surdocegueira
- Sistemas de Comunicação utilizados pelas diferentes pessoas com surdocegueira
- Ajudas existentes para as pessoas com surdocegueira
- Principais necessidades que, como grupo, se manifestam as pessoas com surdocegueira

Reconstrução da Organização da Comunidade de pessoas com Surdocegueira

- Organização da Comunidade de Pessoas com surdocegueira no mundo - Organizações internacionais que apoiam os programas de habilitação e reabilitação para pessoas com surdocegueira
- Organização da comunidade pessoas com surdocegueira na América Latina
- Organização Nacional de pessoas com surdocegueira

Generalidades sobre a interpretação: Conceitos básicos

- Tradução
- Interpretação
- Intérprete e Guia-Intérprete
- Associação de Intérpretes
- Papel do Guia-Intérprete
- Papel da pessoa com surdocegueira e do Guia-Intérprete dentro das associações de pessoas com surdocegueira
- Intérpretes certificados e intérpretes empíricos
- Justificação do treinamento de Guias-Intérpretes empíricos para pessoas com surdocegueira

Técnicas de Guia- interpretação para pessoas com surdocegueira: Guia, Descrição Visual e Interpretação

- Considerações Gerais

Técnicas de Descrição Visual

- Dinâmicas
- Aspectos Gerais ao se fazer a descrição visual
- Descrição do entorno físico: Interior e Exterior
- Descrição de Banheiros
- Descrição Interpessoal
- Como colocar uma pessoa com surdocegueira em contato com um objeto

Técnicas de Guia

- Aspectos gerais de como guiar uma pessoa com surdocegueira
- Mudar de lado
- Mudar a direção a 180°

- Guia em lugares estreitos
- Guia ao passar por uma porta
- Guia ao subir e descer escadas
- Guia para utilizar escadas rolantes
- Como sentar a pessoa com surdocegueira em uma cadeira
- Como guiar e se sentar em lugares públicos: auditório, teatro etc.
- Guiar em transportes: metrô, carro, ônibus etc.
- Guiar em vias públicas
- Deslocamento independente da pessoa com surdocegueira

Técnicas de Interpretação

- Diretrizes gerais de interpretação
- Transmissão de informações para linguísticas
- Preparação para a interpretação
- Aspectos relevantes quanto à comunicação usada pela pessoa com surdocegueira
- Língua de Sinais Tátil
- Língua de Sinais em Campo Reduzido - Alfabeto manual tátil
- Meios técnicos e saída Braille
- Leitura orofacial
- Língua Oral ampliada
- Responsabilidades do Guia -intérprete em situações específicas
- Responsabilidades do Guia -intérprete em situações de alimentação
- Responsabilidades do Guia-Intérprete em que a pessoa com surdocegueira deva assinar
- Responsabilidades do Guia-Intérprete ao colocar uma pessoa com surdocegueira em um recinto
- Responsabilidades do Guia -intérprete em situações de compras
- Responsabilidades do Guia-Intérprete perante a correspondência ou documentos pessoais

Ética /Oficina/Ética do Guia-Intérprete

- Confidencialidade
- Fidelidade e exatidão
- Imparcialidade
- Seletividade
- Discrição

Bibliografia

Fonte: Programa de Capacitação de Guias-Intérpretes empíricos para pessoas com surdocegueira (Apostila Dalva Rosa Watanabe)

Anexo B

Curso - Ano de 2011

Curso para formação de Guia-Intérprete no Brasil (2011)

Ministrado pela equipe da Abrasc - Associação Brasileira de Surdocegos⁸⁰ e Grupo Brasil⁸¹.

Duração: 48 horas

Conteúdos programáticos:

Contextualização da História do Projeto Pontes e Travessias

História da Educação da Pessoa com Surdocegueira no Mundo e no Brasil

- A história da Educação da pessoa com surdocegueira no mundo
- Pessoas com surdocegueira conhecidas pelo mundo
- A história da Educação de Pessoas com Surdocegueira no Brasil
- Pessoas com Surdocegueira conhecidas no Brasil
- Parcerias e intercâmbios

Criação da ABRASC – Associação Brasileira de Surdocegos

- Identidade da ABRASC
- Missão
- Visão
- Objetivos

Terminologia e definição

- Aspectos da surdocegueira adquirida
- Terminologia surdocego ou surdo –cego?
- Perspectiva geral sobre surdocegueira
 - O que é surdocegueira?
 - Quem é o indivíduo com surdocegueira?
 - A Pessoa com surdocegueira congênita
 - A Pessoa com surdocegueira adquirida
 - Quais são as causas da surdocegueira?
 - Quais são as dificuldades e desafios enfrentados pelas pessoas com surdocegueira
 - Quais são as dificuldades e desafios enfrentados pelas famílias e profissionais

Síndrome de Usher

- Ajustamento psicológico para o diagnóstico da Síndrome de Usher
- Classificação Síndrome de Usher
 - tipo I
 - tipo II
 - tipo III

Direitos

- Direitos das pessoas com surdocegueira
- Direitos da pessoa com deficiência

Guia-Intérprete, Direitos e Técnicas de Interpretação

- O Guia-Intérprete
- Técnicas de Guia-interpretação para pessoas com surdocegueira
- Interpretação e descrição
- As competências de um profissional tradutor-intérprete:
 - Competência linguística
 - Competência para transferência
 - Competência metodológica
 - Competência na área de conhecimento
 - Competência bi cultural
 - Competência técnica

⁸⁰ <https://www.facebook.com/associacaobrasileiradesurdocegos/>

⁸¹ <https://www.grupobrasilscdum.org/> e <https://apoioaosurdocego.com.br/>

- Modelos de tradução de interpretação
 - Modelo cognitivo
 - Modelo interativo
 - Modelo interpretativo
 - Modelo comunicativo
 - Modelo sociolinguístico
 - Modelo do processo de interpretação
 - Modelo bilíngue e bi cultural
- Técnicas de descrição de imagem, objetos, pessoas e ambientes internos e externos
- Comunicação de pessoas com Síndrome de Usher

Ética

- Código de ética do intérprete/guia intérprete
- Código de ética da Apilsp - Associação dos Profissionais Intérpretes e Guias-Intérpretes da Língua de Sinais Brasileira do Estado de São Paulo
- Condutas

Sistemas de Comunicação/Formas de Comunicação

- Libras tátil
- Libras em Campo reduzido
- Braille tátil
- Fala ampliada
- Escrita na palma da mão
- Uso do dedo como lápis
- Placas alfabéticas com letras
- Placas alfabéticas em Braille
- Meios técnicos com saída em Braille
- Alfabeto manual tátil
- Alfabeto com duas mãos
- Tadoma
- Escrita Ampliada
- Sistema Lorm
- Sistema Malossi

Sistema Braille

- Louis Braille
- O Sistema Braille

Tecnologias Assistivas

Aspectos Emocionais de Pessoas com Surdocegueira Adquirida

- 1 – O impacto da segunda perda sensorial
 - Surdocegueira na Fase da Adolescência
 - Surdocegueira na Fase Adulta
- 2 – Familiares
- 3 – A importância dos profissionais para pessoas com surdocegueira
 - Comunicação e importância do Guia Intérprete
 - Profissionais da área da saúde dando atenção específica às pessoas com surdocegueira
- 4 – Resiliência

Orientação e mobilidade

- Técnica de orientação e mobilidade - “guia vidente”
 - técnicas utilizadas pelo cego em relação ao guia vidente
 - técnica básica – contato
 - passagens estreitas
 - portas fechadas
 - descer escadas
 - subir escadas
 - aproximar-se e sentar-se em uma cadeira
 - sentar-se à mesa
 - entrar, sair e sentar-se em um auditório

Técnicas utilizadas somente pelo cego
Técnicas de proteção superior e inferior
Técnica de seguir linhas-guias
Técnica de tomada de direção- alinhamento perpendicular; alinhamento paralelo;
Técnica para localização de objetos caídos ou jogados ao chão

Orientação e mobilidade para pessoas com surdocegueira adquiridas

- Definição de O & M
- Um pouco de história
- Necessidades específicas das pessoas com surdocegueira para desenvolver a orientação e mobilidade
- Fatores interdependentes da orientação e mobilidade

O programa de orientação e mobilidade para pessoas com surdocegueira adquirida

A) Guia vidente. Adaptações realizadas para pessoas com surdocegueira adquiridas

1) aproximando-se de uma pessoa com surdocegueira:

2) posicionando os braços

2. 1) adaptações necessárias para posicionamento de braço:

3) passando por lugares estreitos:

3.1) adaptações

4) abrindo portas

4.1) transferência de lado

5) utilizando escadas. Adaptação necessária

5.1) antecipação

5.2) apoio do corrimão

5.3) parada estratégica

6) sentar-se. Adaptações necessárias

7) entrando no carro

7.1) verificando a altura da maçaneta

7.2) verificando a altura do carro

B) técnicas com a bengala longa

1) utilizando tecnologia assistiva (loops - aparelho no formato de rádio frequência que amplifica o som)

1.1) uso de bengala longa com roller

2) uso da pré-bengala

3) usando placa de comunicação

4) técnica das “pontes”:

Legislação

- Lei da Acessibilidade
- Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU)
- Constituição Federal
- Leis do Dia do Surdocego: LEI 14.189 de 17 de julho de 2006 (PMSP) e LEI nº12.899, de 08 de abril de 2008 (Estado de São Paulo)
- Lei do Tradutor/Intérprete da Língua Brasileira de Sinais
- CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
- Decreto 6949/2009 – Da Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência
- Política Nacional de Educação Especial/2008

Central de Libras – CELIG

Fonte: Apostila Curso Guia-Intérprete - Projeto Pontes e Travessias – Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego, 2011



REGRAS PARA GRUPO

REGRA 1: BILÍNGUE

- É OBRIGATÓRIO O USO DE LIBRAS E ESCRITA COM **CAIXA ALTA**

RECOMENDAÇÕES

- FALAR DEVAGAR EM LIBRAS.
- SOLETRAR **DATILOGIA** DEVAGAR E COM POSIÇÃO CERTA.
- LEGENDAR COM **CAIXA ALTA** APÓS VÍDEO
- ESCREVER COM **CAIXA ALTA** NO MÁXIMO TRÊS LINHAS

REGRA 2: ILUMINAÇÃO E VESTUÁRIO

- OS VÍDEOS DEVEM SER GRAVADOS EM AMBIENTE COM BASTANTE ILUMINAÇÃO, PREFERENCIALMENTE NA FRENTE DE UMA JANELA OU PRÓXIMO A UMA LUZ BASTANTE CLARA COM FUNDO **PRETO** OU **AZUL MARINHO** OU **ESCURO**.
- PARA FACILITAR A VISUALIZAÇÃO DAS LIBRAS:
 - PESSOAS DE **PELE CLARA**: DEVEM VESTIR CAMISETAS DE COR PRETA OU AZUL-ESCURO.
 - PESSOAS **NEGRAS E PARDAS**: DEVEM VESTIR CAMISETAS DE COR BRANCA OU CINZA CLARA
- OS VÍDEOS DEVEM SER CAPTURADOS SEMPRE NA **HORIZONTAL**.

HORIZONTAL



REGRA 3: DIÁLOGO

- O DIÁLOGO PERMITE PERGUNTAS, ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS, DISCUSSÕES E TROCA DE INFORMAÇÕES.

RECOMENDAÇÕES

- TROCAR IDEIAS SOBRE EDUCAÇÃO, ESPORTE, CULTURA, SAÚDE, POLÍTICA, LEGISLAÇÃO, EMPREGO, ETC.
- FALAR SOBRE, DIVULGAR OU PLANEJAR SEMINÁRIOS, PALESTRAS, WORKSHOPS, CONGRESSOS, OU OUTROS EVENTOS.
- CONVERSAR SOBRE BALADAS, FILMES, SERIADOS, NOTÍCIAS, ENCONTROS, ENTIDADES, SITES, CONCURSOS, OU QUAISQUER OUTROS ASSUNTOS QUE ESTIMULEM A CONVERSACÃO SAUDÁVEL.

É PROIBIDO

- GRAVAR VÍDEOS COM POUCA ILUMINAÇÃO OU COM UM FUNDO QUE POSSA ATRAPALHAR A IMAGEM.

**OBSERVE
A COMUNIDADE SURDA**